Série Bom Livro

Eça de Queirós

O PRIMO BASÍLIO

Realismo

A tentativa de representar fielmente a realidade através de obras literárias é algo que existe desde as literaturas mais antigas. Mas o Realismo como escola literária, um conjunto de doutrinas a serem de alguma maneira seguidas pelos escritores, é algo que teve seu início por volta da metade do século passado. O cientificismo, a crença no progresso do homem a partir de uma observação objetiva da natureza, dominava os meios intelectuais europeus da época. Grandes progressos se faziam na área do conhecimento, graças a esta postura materialista frente à vida, e isso acabou refletindo na literatura: nas áreas de estudos sociais e políticos, Saint-Simon, Fourier, Proudhon, Marx e Engels renovam os estudos; na filosofia, dominam o determinismo (raça, meio e momento) de Taine e o positivismo de Comte; nas ciências biológicas, Claude Bérnard (medicina), Cuvier (anatomia comparada), Lamarck e Darwin; na psicologia materialista, Lombroso e Wundt; tudo isso sem falar nos progressos dos estudos geográficos e históricos.

Na década de 1840, alguns críticos e estudiosos franceses já utilizavam o termo "realismo" em alguns artigos e revistas, mas é em 1857, com a publicação de *Madame Bovary,* de Flaubert, que a nova escola literária se afirma. Poderíamos citar como principais características da escola:

- oposição ao que se considerava excesso de idealismo e fantasia do romantismo; defesa da objetividade ao tratar do mundo real: a realidade apresentada deve ser a realidade das coisas materiais, verificáveis;
- predomínio absoluto da razão e da observação sobre o sentimento e a imaginação; preferência por assuntos da época: o autor como testemunha de seu tempo;
- preocupação com aspectos estruturais das obras: as técnicas estilísticas e a forma de composição são valorizadas;
- aspectos psicológicos encarados como resultados da manifestação de algum fato fisiológico: a explicação está sempre na matéria, nunca no espírito;
- predomínio dos romances analíticos e psicológicos.

Ao contrário do que acontece em outras escolas literárias, no Realismo não há um consenso dos escritores sobre as características acima como essenciais à produção de uma obra, nem mesmo sobre a intensidade de manifestação dessas características no trabalho do artista. Assim, apesar de que possamos falar em "Realismo ele mesmo", a verdade é que a escola se desenvolveu em várias tendências, existindo ao mesmo tempo várias manifestações de "realismo", mais ou menos próximas entre si. As mais importantes tendências são o Naturalismo, o Parnasianismo e o Impressionismo.

O Naturalismo é a tentativa de aplicação às artes das idéias científicas então em moda: o determinismo de Taine, o método experimental de Claude Bérnard, o positivismo de Comte. Acreditava-se na possibilidade de uma literatura que pudesse expressar a realidade do mais rigoroso ponto de vista objetivo

e científico. O grande mestre da escola foi o francês Emile Zola, autor do ensaio O *Romance Experimental* e de obras como *Germinal* e *A Besta Humana.* Em Portugal, o grande nome do naturalismo é o escritor e historiador literário Teófilo Braga, se bem que características naturalistas apareçam em muitas obras de Eça de Queirós, como poderemos ver. No Brasil, os críticos literários Silvio Romero e José Veríssimo e os escritores Aluísio de Azevedo (que deu início ao movimento por aqui com o seu *O Mulato,* em 1881), Adolfo Caminha, Inglês de Souza e Júlio Ribeiro são os principais defensores e realizadores das idéias naturalistas. Entre as principais idéias defendidas por eles, podemos citar:

- o desenvolvimento do romance está subordinado às leis biológicas e fisiológicas, ao determinismo social e físico, aos fenômenos naturais;
- preferência por temas documentais e experimentais: quanto mais observável for o fenômeno, melhor para a obra;
- intenção de tornar a literatura um instrumento da ciência: o romance seria mais um ensaio sobre a natureza humana do que uma criação do gênio artístico;
- amoralismo: como o importante é a observação imparcial das atitudes humanas, o naturalista não se preocupa com as opiniões sobre os problemas ou personagens que descreve; isso, associado a uma preferência por temas patológicos (personagens com problemas doentios) e a uma visão negativa das classes sociais inferiores (procurando reformá-las pelo exemplo de seus erros) acabou gerando livros que alimentaram muitas polêmicas e receberam muitas críticas, por serem acusados de "imorais";
- preferência pela linguagem simples e direta, muitas vezes reproduzindo nos diálogos as particularidades de algumas classes e grupos sociais (gírias, vulgaridades).

O Parnasianismo é uma das expressões poéticas do Realismo. Tivemos a poesia realista, mas esta não alcançou muito sucesso. O movimento parnasiano surgiu oficialmente em 1866, com a publicação na França da revista *Parnasse Comtemporain,* com poemas de Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Théodore Banville e outros que melhor se definiriam, mais tarde, como simbolistas. Não existiu Parnasianismo em outro lugar fora da França, a não ser no Brasil, onde fixou raízes tão fortes que ainda na Semana de Arte Moderna de 1922 foi preciso um grande esforço dos novos poetas para abrir espaço às suas idéias por entre a cerrada dominação dos parnasianos na nossa poesia. O marco inicial do movimento no Brasil é o livro de Teófilo Dias, *Fanfarras,* lançado em 1882. Os principais nomes são Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia (a "Santíssima Trindade" da poesia brasileira da época), Vicente de Carvalho e Emílio de Menezes, mas incontáveis poetas de segunda linha surgiram por esta época no país. Podemos citar como características básicas dos parnasianos:

- culto da forma: preocupação com o aspecto formal da poesia, inclusive retomando o uso de formas poéticas fixas (que haviam sido de certa maneira desprezadas pelos românticos), em especial o soneto, os metros fixos (principalmente o alexandrino e o decassílabo) e a rima rica;
- defesa da "arte pela arte": a preocupação do poeta deve ser com a própria poesia, com o Belo artístico;
- retomada de temas clássicos inspirados na arte da Antigüidade greco-romana;
- contenção lírica: o artista não se deve permitir exteriorizar demasiadamente seus sentimentos, deve optar por temas mitológicos, eruditos e intelectualizados, buscando mais a análise do que o sentimentalismo. Como conseqüência, o estilo deve ser contido e sóbrio.

O termo Impressionismo vem de um quadro de Claude Monet que se chamava *Impression*, exposto em 1874. Os princípios desta tendência surgiram primeiro nas artes plásticas e depois foram incorporados pela literatura. O Impressionismo também tem na realidade o ponto de partida para a criação artística, mas ao contrário das demais correntes realistas que se apegam demasiadamente a esta realidade, tentando reproduzi-la de modo objetivo, o impressionismo está preocupado com a impressão que esta realidade produz no espírito no instante exato em que ele a capta. São a visão e o sentimento imediatos que a realidade cria no artista que devem ser reproduzidos por ele. Dificilmente se dirá que um escritor seja totalmente impressionista, mas o Impressionismo aparece como marca indiscutível nas obras de vários escritores da segunda metade do século passado e início deste. Em Portugal, Fialho de Almeida é o

nome mais representativo, mas também na terceira fase de Eça de Queirós, principalmente em *A Cidade e as Serras,* o Impressionismo é notável. No Brasil, há traços de Impressionismo nas obras de Raul Pompéia, Adelino Magalhães e João Ribeiro, para citar nomes importantes do final do século passado. O Impressionismo é já um prenúncio do Simbolismo, escola literária que teve seus maiores representantes entre os poetas e que se manifestou paralelamente ao Realismo-Naturalismo-Parnasianismo, mas de que não iremos tratar aqui por se tratar de um movimento já muito desvinculado destes que têm a realidade como ponto de partida para suas obras. Entre as principais características do Impressionismo, podemos citar:

• importância do tempo: é o momento imediato da apreensão da realidade, ou a recuperação deste momento pela memória, o que mais importa para o artista impressionista;

• predomínio da sensação sobre a razão: a realidade deve ser apreendida pela sensação que desperta no espírito do artista, e não pela sua análise racional;

• dinamismo do estilo: "escrever para os olhos", clara manifestação da importância das artes plásticas para os impressionistas.

O Realismo *ele mesmo:* Eça de Queirós e Machado de Assis

O Realismo, como pudemos observar acima, foi na verdade uma espécie de "colcha de retalhos" de manifestações artísticas que tiveram em comum entre si basicamente o repúdio ao Romantismo e às suas doutrinas. Mas, também como já dissemos, podemos falar em artistas "exclusivamente realistas", ou em artistas que, apesar de se ligarem a um ou outro movimento da época, não ficaram conhecidos como "naturalistas", "parnasianos" ou "impressionistas" porque não cabem dentro destas fronteiras. É o caso, por exemplo, de Antero de Quental, poeta português que foi o maior defensor das novas idéias estéticas realistas em Portugal e que, juntamente com Teófilo Braga, Eça de Queirós e outros menos importantes, deu início à célebre Questão Coimbrã, uma briga ideológica entre eles (então estudantes em Coimbra) e o poeta romântico tradicionalista Antônio Feliciano de Castilho e seus seguidores. A polêmica marca o início do Realismo em Portugal (1865). Antero de Quental inicia como poeta "socialista", defensor de idéias reformistas e revolucionárias, e com o passar dos anos acaba por se tornar um poeta "metafísico", preocupado com questões filosóficas ligadas à condição humana. Outros nomes da poesia realista em Portugal são Cesário Verde (com sua "poesia do cotidiano"), Guerra Junqueiro e Gomes Leal (ambos defensores de uma poesia de "agitação e combate social"). No Brasil, a poesia realista não teve muita expressão, apesar do genial Machado de Assis ter arriscado os seus versos realistas...

Mas foi na prosa que o Realismo atingiu o ápice como escola literária. Em Portugal e no Brasil, dois nomes aparecem com fantástico destaque quando comparados aos seus contemporâneos e mesmo quando colocados na perspectiva da história literária dos seus países: Eça de Queirós e Machado de Assis; um lá, outro cá.

Eça de Queirós fez o mais abrangente painel da sociedade portuguesa do seu tempo, principalmente na segunda fase de sua obra. Soube desprender-se do naturalismo esquemático que dominava as suas primeiras obras e chegou mesmo a experimentar o impressionismo em suas últimas. Revolucionou a língua portuguesa, modernizando-a em comparação com os seus antecessores, e criou tipos e caricaturas imortais (como o Conselheiro Acácio, símbolo da conversação vazia e da inteligência medíocre), exercitando uma ironia que se tornou marca registrada de sua obra. Machado de Assis é um escritor que dificilmente se enquadra em qualquer definição. Chamá-lo de realista se deve mais ao fato de ele pertencer ao tempo dessa escola e ao problema de não termos uma definição mais apropriadada para sua obra e seu estilo. Formou-se como escritor ainda durante o Romantismo, preso à necessidade de construção de enredos convincentes. A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881, marco inicial do Realismo no Brasil), tornou-se o mais refinado analista de caracteres e personalidades da literatura em língua portuguesa. Era um mestre no romance, no conto e na crônica; foi fundador e presidente até a morte da Academia Brasileira de Letras; ninguém foi tão estudado e tão respeitado quanto ele em nossa história literária.

O primo Basílio

Eça de Queirós

Sinopse

O Primo Basílio é um romance que narra em 16 capítulos a história de um adultério. Luísa é casada com Jorge, um engenheiro. O marido sai de Lisboa para viajar a trabalho, por algumas semanas. Durante esse tempo, Luísa envolve-se com seu primo e ex-namorado, Basílio. O envolvimento e a separação de Luísa e Basílio, a volta de Jorge e as conseqüên-cias do adultério compõem a narrativa.

Pelo tema do livro (o adultério) e por muitas de suas passagens, os críticos não têm dúvida em afirmar que o modelo para a estrutura do romance foi *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert[1], contemporâneo de Eça. Mas veremos mais adiante, na análise do livro, que se essas duas obras são muito parecidas do ponto de vista do tema central e da estrutura, são muito divergentes quanto à sua finalidade e sua realização. Vamos ler agora um resumo da obra para que possamos fazer sua análise.

1 Gustave FLAUBERT (1821-1880) foi um dos maiores escritores do Realismo francês; *Madame Bovary*, publicado em 1857, é o marco inicial da escola realista não só na França, mas em toda a Europa.

Resumo do enredo

Capítulo I

É início de uma tarde de domingo e Jorge descansa após o almoço. Pensa na viagem a trabalho que irá fazer pela região do Alentejo, na semana seguinte. Desagrada-lhe ter que abandonar a casa onde vivia desde antes de sua mãe morrer. Além disso, é a primeira vez que viaja depois que se casou com Luísa. Sempre fora um homem de hábitos simples e gênio manso; casara-se mesmo porque não se acostumara com a solidão, depois da morte da mãe. Dera sorte de encontrar Luísa. Afinal não demorou-se um ano, depois de começar a namorá-la, a decidir-se pelo casamento.

Luísa, que lê jornal, interrompe os pensamentos de Jorge para dizer-lhe que lia no jornal que o seu primo Basílio chegaria a Lisboa, de volta do Brasil, para onde viajara a fim de fazer fortuna. Luísa lembra-se de conferir com a criada da casa, Juliana, se os coletes de Jorge estão prontos para a viagem. Não estão, e Luísa ordena que Juliana trate disso até a noite. Jorge e Luísa têm uma pequena discussão a respeito da criada: a patroa não gosta da empregada; acha-a pouco simpática e não confia nela, mas Jorge gosta do trabalho de Juliana e tem uma dívida de gratidão com ela, por esta ter dedicadamente tomado conta de sua Tia Virgínia até a morte.

Jorge vai se aprontar para sair enquanto Luísa procura *A Dama das Camélias*[2] na estante para ler. Jorge sai. Luísa termina, emocionada, a leitura do livro e começa a pensar no seu antigo namoro com Basílio. Lembra-se de que o primo era muito vaidoso e chique e de que o namoro terminara porque o primo partira para o Brasil à procura de fortuna, depois que seus negócios faliram em Lisboa. Luísa conhecera Jorge três anos depois e, se bem que não o amasse, sentia-se muito segura ao lado dele, orgulhava-se dele e estava satisfeita com os carinhos que ele lhe fazia, por isso aceitara casar-se logo, e não se arrependera: era uma boa dona de casa e uma esposa fiel.

A criada reaparece para anunciar a visita de Leopoldina. Luísa espanta-se: Jorge não gostava de Leopoldina – uma amiga de criação de Luísa que era conhecida em toda Lisboa pelo seu apelido de "Pão-e-queijo", por causa de seus vários amantes; além de ter a audácia de fumar. Mas Luísa recebe Leopoldina, porque tinha por ela certa admiração: desculpava-lhe os vários amantes, considerando que a amiga era infeliz no casamento e, como as heroínas dos romances, procurava uma grande paixão. Além disso, achava-a muito bela fisicamente e excitava-se envergonhadamente com as histórias que lhe ouvia. Leopoldina e Luísa conversam por um bom tempo. A amiga conta a Luísa do fim do seu último romance e do início de um novo, pede o endereço de uma costureira e se vai.

Jorge chega em casa irritado com Luísa. Juliana, a criada, contara-lhe que Leopoldina estivera lá. Repreende duramente Luísa. Sabe que foram amigas de infância, mas não quer mais saber daquela mulher, mal falada em toda a cidade, dentro de sua casa. Luísa promete a Jorge que vai evitar ao máximo a amiga, mas fica furiosa com a criada, que fofocara desnecessariamente com o seu marido sobre a visita.

É fim de tarde no subúrbio. Toda a vizinhança se agita nas últimas horas de trabalho; Luísa observa o movimento da rua pela janela, até que Jorge a vem chamar para tomarem a sopa.

Capítulo II

Naquele domingo, como sempre acontecia, Jorge e Luísa recebiam um grupo de amigos íntimos para uma *cavaqueira*, uma pequena e descontraída reunião social.

Julião Zuzarte era sempre o primeiro a chegar. Parente afastado e ex-colega de estudos de Jorge, era cirurgião e muito estudioso e inteligente, mas por azar, ou falta de esperteza, nunca conseguira prosperar na vida, apesar de sonhar o tempo todo com um bom salário e uma vida luxuosa. Por isso, tinha despeito

2 *A Dama das Camélias* é um romance de Alexandre DUMAS FILHO (1824-1895), famoso escritor romântico francês. Nesse livro, a heroína Margarida abandona o seu amado e acaba morrendo de sofrimento por causa disso.

de todos os que conseguiam um mínimo de conforto, e nas conversas era sempre o mais provocador e irônico. Luísa não gostava dele, principalmente por causa de suas roupas velhas, sua caspa e seu pedantismo, mas Jorge achava-o espirituoso e inteligente. Julião, apesar de invejar e achar injustiça do destino a vida confortável de Jorge, fazia-se passar por bom amigo.

Dona Felicidade de Noronha era outra convidada. Fora muito amiga da mãe de Luísa e conservara a amizade pela filha. Tinha 50 anos, era gorda e sofria de dispepsia e gases. Nenhum dos seus amores de juventude dera certo, e todos os seus desejos concentrados ao longo dos anos pareciam ter se juntado em uma admiração sem fronteiras pelo Conselheiro Acácio e sua careca.

O *Conselheiro* Acácio, outro que sempre participava das reuniões, recebera o título como recompensa do Rei, por isso era um fiel devoto da monarquia. Fora amigo do pai de Jorge durante a vida toda, e transferira a amizade para o filho. Todos os seus gestos eram estudados, como se estivesse sempre posando; adorava fazer citações durante as conversas e nunca usava termos banais: não dizia "vomitar", mas "restituir". Não correspondia aos desejos de Dona Felicidade, o que a tornava cada vez mais desesperada, tendo sonhos eróticos com o velho Conselheiro e suando apenas de olhar muito para ele.

Os convidados conversavam sobre a viagem de Jorge, quando chega a visita surpresa do Ernestinho, um primo de Jorge. Era um rapaz bem empregado, mas que dedicava sua vida, com afinco, às artes. Fisicamente era muito franzino e delicado, mas naquela noite parecia ainda mais pálido e cansado. Luísa pergunta-lhe o porquê e ele explica aos presentes que estava terminando os ensaios de sua primeira peça importante, que se chamaria *Honra e Paixão*. Por isso é que andava muito atarefado. Como exemplo de suas preocupações, conta uma disputa que estava tendo com o produtor da peça. Havia uma cena em um precipício, em que um marido traído matava a esposa. O produtor exigia que se mudasse a cena para uma sala e que a mulher fosse perdoada, para que se adequasse a peça ao gosto do público.

Juliana chama para o chá. Enquanto bebem e comem, os presentes discutem a peça de Ernestinho e seu final. Todos são pelo perdão, menos Jorge: este diz que é obrigação do primo matar, em qualquer lugar, a mulher - infidelidade é crime imperdoável! Luísa, questionada por Dona Felicidade sobre a opinião do marido, não se pronuncia.

São interrompidos pela chegada do Sebastião, o amigo inseparável de Jorge, desde a infância. Vinha do circo e aparecia para despedir-se do amigo. Jorge acaba por arrastá-lo para uma conversa particular no escritório. Fala ao amigo da visita que Luísa recebera de Leopoldina, confessa-se preocupado. Sebastião concorda, principalmente porque a vizinhança era gente de baixo nível, sem ocupação e especialista em falar da vida alheia. Jorge pede, então, ao amigo, que, enquanto estivesse fora, em viagem, tratasse de aparecer sempre na casa, que vigiasse sua esposa e, caso acontecesse algo ou Leopoldina reaparecesse, falasse com Luísa, aconselhasse-a e repreendesse-a. Sebastião promete a Jorge que fará isso.

Da sala vem o som da voz de Luísa, que tocava piano e cantava. A porta é aberta pelo Julião, que vem se despedir. Os convidados logo começam, um por um, a ir embora. Sobra apenas Sebastião que, exímio pianista, toca enquanto Luísa e Jorge namoram no sofá e falam da viagem dele. Por fim também Sebastião se vai. Luísa e Jorge ficam na varanda, conversando sobre o filho que sonhavam ter, quando aparece Juliana, que vem saber a que horas deve acordar a patroa.

Ao deitar-se, Luísa quase chora nos braços de Jorge por saber que ele partiria no dia seguinte.

Capítulo III

Doze dias depois que Jorge partira, Luísa está cheia de tédio e pensa em ir visitar Leopoldina para ter com quem conversar e distrair-se um pouco. Enquanto se veste, a criada Juliana pede-lhe permissão para ir ao médico. Luísa concede.

Juliana vai para a cozinha avisar a cozinheira Joana de que a casa estaria por conta dela. Joana aproveitava essas ocasiões para colocar para dentro da casa um rapaz que trabalhava na marcenaria vizinha, Pedro, seu amante. Juliana sentia inveja desse namoro da cozinheira, mas paparicava-a porque dependia dela para comer alguma coisa mais saborosa escondida dos amos e porque ela lhe fazia caldos.

A criada, furiosa com Luísa por não ter dado muita importância às suas dores, começa a varrer violentamente a escada da varanda quando é surpreendida por um senhor moreno, muito bonito e bem vestido, que pergunta por Luísa. Pede para chamá-la mas não revela o nome.

Luísa vai recebê-lo já vestida para sair. Era seu primo Basílio! Cumprimentam-se; Basílio elogia a beleza da antiga namorada. Interrogado por Luísa, fala de suas viagens a Roma, à Terra Santa, a Constantinopla, a Paris. Conversam sobre a mãe de Luísa e sobre a quinta onde passaram a juventude. Em cada lembrança, Basílio tenta invocar antigos momentos de intimidade entre os dois. Luísa, constrangida, tenta falar das viagens. Basílio apenas sabe comparar Portugal com outros lugares por onde passou para falar mal de seu país. Conversam ainda um tempo, Basílio sempre fazendo insinuações sobre o passado... Por fim, vai-se embora prometendo voltar no dia seguinte com presentes que comprara para a prima; beija-lhe a mão e sai. No caminho para o hotel, Basílio pensa em como a prima está bonita. Considera que ela estaria provavelmente entediada com a falta do marido, resolve que irá seduzi-la.

Luísa passou o resto da tarde e da noite pensando em Basílio e tentando lembrar-se de seu marido. Sentia saudades de Jorge, mas a imagem de Basílio, em fantasias sobre suas viagens, sempre lhe voltava à mente. Como devia ser diferente e interessante a vida de Basílio! Vai tocar um pouco o piano enquanto pensa que o primo voltaria no dia seguinte e que devia estar bem vestida e arrumada.

Chega Juliana para acender as luzes do quarto. Está encolhida, com um ar de fantasma, anda arrastando os chinelos pela casa. Luísa diz que ela, daquela maneira, parecia-se com a morte. A criada sai do quarto ofendida e calada. Sobe para o seu quarto, no sótão: pequeno e baixo, recebendo o dia todo o sol nas telhas, cheio de percevejos e insetos. Os quartos de Juliana e Joana, no sótão, eram sufocantes. Juliana, principalmente, sofria muito para poder dormir. Enquanto não dormia, revirava-se na cama pensando em como a sua vida fora uma sucessão de amarguras.

Juliana nascera filha de uma criada e cedo se tornara empregada. Há mais de 20 anos que trabalhava como doméstica. Mudavam as patroas mas não mudava sua sorte: tinha que dormir em camas velhas e duras, levantar cedo, trabalhar o dia inteiro, comer restos, vestir-se mal, agüentar as travessuras das crianças e as reclamações das patroas. Não nascera para aquilo. Depois de um certo tempo de trabalho, sentia enjôos só de olhar para o balde de água suja ou o ferro de passar roupa. Além disso, não sabia enganar ninguém; cumpria suas obrigações à risca, não fazia de conta que gostava ou deixava de gostar de alguém. Sempre que entrava em uma casa, tudo parecia conspirar contra ela: as crianças, os outros empregados, as visitas, os próprios patrões. Começou a brigar freqüentemente nos empregos até que sua inculcadeira[3] , Tia Vitória, lhe disse para tomar jeito, porque poderia ficar sem emprego. Começou então a se fazer de coitada e interessada nos problemas da casa, mas por dentro passou a cultivar um ódio azedo por todas as suas patroas. Sua felicidade era ver que algo desse errado na vida delas: um cobrador que lhes viesse bater à porta, uma chuva inesperada em dia de passeio, a morte de parentes e até de filhos, a morte delas próprias. Patroas, para ela, não passavam todas de *uma récua*. Era muito curiosa, arrastava-se por detrás das portas, espreitando conversas. Também gostava de comer bem, escondida dos amos, na despensa, e até de beber os seus traguinhos. Era muito feia e de mau corpo; nunca tivera um homem, sequer um namorado.

Quando começou a cuidar da tia de Jorge, a Srª. D. Virgínia de Lemos, pensou que se arranjara na vida. A velha estava para morrer a qualquer momento, e Juliana tratava-a com uma devoção e um esforço que lhe mereciam os mais sinceros elogios. Juliana acreditava sinceramente que Dona Virgínia se lembraria dela no testamento. Começou a sonhar com a sua pequena fortuna. Mas a velha morreu, deixou três contos de réis para Jorge e nem citava o seu nome no testamento! Juliana teve uma febre de decepção. Jorge pagou-lhe o hospital e, como gratidão pelos serviços que ela prestara à tia, tomou-a como criada.

Juliana odiava a casa de Jorge, sentia-se roubada por ele. Mas lá pelo menos havia os caldos que lhe preparava Joana, as pinguinhas e doces roubados da despensa, tinha sua folga aos domingos, quando ficava à janela com sua caixa de costura, e podia pelo menos satisfazer o seu único vício: o dos sapatos. Achava os

3 Inculcadeira – espécie de informante, pessoa que dá conselhos ou passa informações profissionais sobre a vida de alguém; hoje em dia diríamos que é uma espécie de agenciadora de empregos misturada a conselheira e detetive.

seus pés lindos, e não se cansava de comprar para eles botas de todos os tipos; adorava ir ao Passeio Público aos domingos, com vestidos curtos, para mostrá-las!

Capítulo IV

No dia seguinte, Juliana acordou bem mais disposta. Passara toda a tarde a limpar a sala onde Basílio espalhara cinzas de fumo por toda a parte. Mas nem por isso deixa de apreciar um excelente caldo que Joana lhe preparara. Enquanto toma o caldo, tocam várias vezes a campainha. Juliana faz que não ouve, mas Luísa grita insistentemente para que abra. Juliana desce furiosa e espanta-se logo na escada porque Luísa está de roupa nova. Vai abrir a porta e é Basílio, com um embrulho debaixo do braço. Juliana começa a desconfiar de alguma coisa. Termina de tomar seu caldo e desce para espionar Luísa e Basílio. Não consegue ouvir nada e leva um susto com a campainha: é Sebastião, que, ao saber que havia visita em casa, prefere não entrar.

Juliana volta a espionar mas nada consegue ouvir. Basílio vai embora tarde; Luísa passa o resto da tarde tranqüila, come bem ao jantar e pede um pouco de café bem forte. Aumenta cada vez mais a curiosidade de Juliana...

No dia seguinte, domingo, Luísa pede a Juliana que leve um bilhete para Dona Felicidade e passa o resto do dia tranqüilamente em casa. Mas, à noite, Juliana surpreende-a com um vestido preto, pronta para sair. Dona Felicidade logo vem apanhá-la em uma carruagem. A criada aproveita para descansar em uma poltrona na varanda. Seu vulto na janela é confundido, por um grupo de rapazes, com Luísa, o que a diverte muito. Sebastião aparece mais uma vez à procura da patroa, mas a criada o informa de que saíra de carruagem com Dona Felicidade.

Luísa e Dona Felicidade foram ao Passeio Público. "Coincidentemente", lá encontraram Basílio. Sentaram-se e conversaram sobre touradas e teatro. Basílio sempre reclamando de Lisboa... Falaram sobre os problemas de intestino de Dona Felicidade. Basílio disse que tais problemas eram muito chiques e recomendou-lhe gelo, o que imediatamente fez que a velha senhora o considerasse muitíssimo simpático. Conversaram ainda um pouco e saíram então para passear. Dona Felicidade sentia-se despeitada e infeliz porque não encontrara o Conselheiro no Passeio. Luísa de seu lado, sentia-se um pouco tonta com o movimento, mas muito feliz. Basílio achava a prima cada dia mais bonita. Daí a pouco, as duas mulheres tomaram uma carruagem e voltaram para casa. Luísa foi recebida por Juliana, que prontamente lhe serviu o chá assim que ela se trocou.

No dia seguinte, logo cedo chegaram flores que Sebastião mandara. Ele as cultivava em sua chácara. À tarde, apareceu mais uma vez Basílio. Juliana fica sabendo que o *janota* era primo de Luísa e se decepciona um pouco, mas continua a achar que há alguma coisa errada na história. A patroa ordena a Juliana que mande entrar as visitas, caso apareçam. Dito e feito. O primeiro a aparecer é Julião, querendo saber notícias de Jorge. A figura mal vestida e suja do amigo de Jorge deixa Basílio escandalizado. Cria-se um clima constrangedor na sala. Luísa sente vergonha pela presença de Julião, porque sabe o que Basílio está pensando dele; Julião fica nervoso, sente-se humilhado e irritado com o tratamento que Luísa lhe dispensa. Basílio ignora-lhe a presença, até que o médico resolve sair, aos tropeções. Basílio recrimina Luísa por receber em casa uma pessoa de tão má aparência e suja. Diz que isso não acontecia quando ela ainda não era casada.

Toca novamente a campainha. É o Conselheiro Acácio. Basílio o recebe bem, mesmo discutindo com ele sobre Lisboa: Basílio odeia a cidade e o Conselheiro a adora. Basílio pede a Luísa que toque o piano, no que é ajudado pelo Conselheiro. Luísa toca, mas pede a Basílio que cante, ele cede. Canta ao lado de Luísa e sua voz é muito bela. Olha para a prima enquanto lhe diz a letra de uma canção de amor de maneira apelativa. Luísa fica embaraçada. O Conselheiro elogia a voz de Basílio, coloca-se "à disposição" dele e sai.

Basílio resolve ser mais direto com Luísa. Pega-lhe a mão, diz-lhe palavras de amor, declara-se ainda apaixonado por ela. Luísa evita-o o mais que pode. Ele ameaça ir embora, ela pede que ele não vá. Ele insiste, mas ela termina por pedir que ele vá mesmo embora e volte no dia seguinte.

Luísa encontra Juliana arrumando a roupa no seu quarto e a criada lhe avisa que o Sr. Sebastião estivera mas não quisera entrar, que voltaria mais tarde. De fato, Sebastião disse que voltaria, mas começava a ficar envergonhado de encontrar Luísa em casa acompanhada sempre daquele mesmo sujeito, o primo Basílio. Nas primeiras vezes não sabia quem era a visita freqüente, e logo lhe perguntaram na rua quem era o rapaz com quem Luísa fora vista no Passeio domingo. Acalmou-se um pouco ao saber que era o primo; mas não se tranqüilizou totalmente. Sebastião conhecia o passado de Basílio, sabia de suas conquistas amorosas, de sua vida de rapaz rico, de sua fama de debochado, perdido e vagabundo. (Enriquecera em um lance de pura sorte, com especulação no Paraguai; nem mesmo na miséria, na Bahia, o moço se dispusera a trabalhar.) O que mais iria fazer esse moço na casa de Luísa, senão mexer com os miolos da moça? Refletia nessas coisas quando é interrompido por um vizinho, o João Paula, dono da marcenaria, que pergunta se o visitante constante de Luísa era mesmo o primo dela. A coisa ia mal!, pensa Sebastião, toda a vizinhança já começava a falar...

Sebastião morava na mesma rua de Jorge. As mães dos dois eram amigas e a amizade se transmitiu para os filhos. Sebastião, desde criança fora um menino muito forte mas muito, muito tímido e envergonhado. Era inteligente, mas o simples fato de o professor lhe chamar o nome desnorteava-o. Os amigos viviam a lhe roubar o lanche na escola ou a lhe dar os piores papéis nas brincadeiras. A única atividade em que se destacou foi o piano. Quando a mãe de Jorge morreu, os dois quase foram morar juntos, mas logo apareceu Luísa. Sebastião foi o responsável por todos os preparativos do casamento, embora tenha lhe custado acostumar-se com a intrusa naquela amizade de longa data. Em sua casa sóbria, morava só, apenas com as companhias de Tia Vicência, uma antiga cozinheira, e de Tia Joana, governanta da casa desde que era menino, quase uma avó. Naquela noite, Tia Joana pergunta pela "Luisinha"... Sebastião responde que ela está bem...

Enquanto isso, Luísa recebe carta de Jorge queixando-se do calor, das hospedarias e das saudades. A carta provoca nela uma confusão de sentimentos. Arrepende-se quase às lágrimas pelo seu envolvimento com Basílio, pensa em escrever-lhe pedindo que não apareça mais. Tenta pensar em Jorge mas logo lhe vem uma preguiça... Culpa Jorge por estar longe. Lembra-se de Leopoldina e sente uma certa liberdade com a ausência do marido. Seu pensamento não consegue fixar-se em nenhum lugar e logo volta a Basílio... Que mal havia naquele amor, se o próprio primo lhe jurara que era um sentimento puro e inocente?

Juliana vem lhe oferecer chá, mas ela recusa e pede que arrume o quarto para se deitar. A criada percebe os suspiros da patroa e vai contar a Joana. A cozinheira discute com ela por pensar más coisas de Luísa. Na cama, Luísa sonha acordada com Basílio.

No outro dia, Basílio encontra a prima apenas de roupão. Conversam brincando, muito íntimos. Basílio diz a Luísa que só viera a Lisboa por sua causa e convida-a para um passeio no campo, mas ela tem medo. Ele tenta convencê-la, ela pede que ele volte no dia seguinte, prometendo que pensaria na proposta do passeio.

Mas, no dia seguinte, Basílio não voltou a tocar no assunto. Falou de Paris, das duquesas e princesas, do adultério que os nobres praticavam quase como um dever. Ao sair, diz a ela que está pensando em deixar Lisboa. Afinal, se nada conseguia com ela, o que fazia ali? Luísa fica sozinha e chora. No outro dia é ela quem toca no assunto do passeio. Basílio promete arranjar tudo para que ninguém a veja: um carro fechado, a chácara de um amigo. Põe-se a seduzi-la, canta para ela, diz que sonhou que os dois estavam sozinhos na Itália. Luísa sente-se perdida, promete que no domingo dará a resposta.

Sebastião, que passara três dias fora de Lisboa, volta para casa e é surpreendido pela Tia Joana, que lhe diz ter estado em sua casa uma vizinha que fofocara sobre Luísa e o primo. O amigo de Jorge começa a ficar muito preocupado. Os vizinhos, pelo visto, não paravam de falar sobre o assunto. Resolve buscar conselho com o Julião. Encontra-o na rua, a caminho de casa. Entram em um café. Sebastião fala do primo de Luísa, que Julião já conhecera e achara uma verdadeira besta. Revela que descobrira que Luísa e Basílio haviam sido namorados antes do casamento com Jorge e que Basílio agora não saía mais da casa da prima. Julião deixa bem clara sua opinião de que Basílio quer aproveitar-se de Luísa e que ela ou é muito, mas muito inocente, por não desconfiar disso, ou muito tola, por não ver o escândalo a que está se expondo, recebendo em casa todos os dias um homem, quando o marido está fora. Ou... Sebastião fica mais aflito ainda.

Capítulo V

Em certo dia de muito calor, Juliana entra pela cozinha e atira um cesto de roupa suja no chão. Está muito nervosa. Não agüenta mais tanto trabalho nem as reclamações da patroa. Joana tenta acalmá-la em vão. Juliana desabafa até que quase desmaia, atacada por pontadas no peito. Luísa vai à cozinha saber o que acontece e autoriza Juliana a procurar um médico. Na rua, a caminho do doutor, Juliana é interrogada pela vizinhança sobre o *janota* que não saía da casa de Luísa, mas nada diz porque sabe que a vizinhança também não gosta dela. Ao virar as costas, os vizinhos começam a fofocar. A estanqueira, o Paula e a Helena falam da vida devassa das senhoras ricas. Da rua, Paula avista Pedro, o carpinteiro amante de Joana, no sótão da casa do engenheiro.

Luísa enfim cede aos apelos de Basílio e aceita o convite para passear no campo. Sai de casa nervosa para encontrar-se com ele em uma praça no centro da cidade. Iam em uma carruagem fechada. Basílio tenta seduzi-la: faz-lhe carinhos no rosto e nas mãos, diz que decidira ficar em Lisboa para viver sempre ao lado dela, que era a única coisa de importante que ele tinha no mundo, convida-a a fugir com ele. Tenta beijá-la mas ela está muito nervosa e inquieta e pede para voltar a Lisboa.

Em Lisboa, Basílio vai para o Grêmio encontrar-se com seu amigo, o Visconde Reinaldo, que viajava com ele. Reinaldo está impaciente com a aventura amorosa de Basílio. Detesta Lisboa e Portugal, e a prima do amigo demora-se muito a ceder. Mas Basílio lhe garante que está muito perto da vitória final.

Em casa, Luísa encontra Sebastião, que a esperava. O amigo decidira-se a não mais adiar a conversa que precisava ter com ela, mas ao ouvir-lhe os passos pela casa e depois suas reclamações de uma dor de cabeça, decide adiar a conversa. Apenas falam rapidamente sobre Jorge e suas cartas.

No dia seguinte, logo cedo Luísa recebe uma carta de Leopoldina, dizendo que iria vê-la à tarde, para jantar com ela. Quem traz a carta é Justina, a criada de Leopoldina, muito amiga de Juliana. As duas empregadas aproveitam para falar, maliciosamente, da vida das patroas, e das vantagens que, às vezes, os criados conseguem tirar disso: favores de amantes, presentes, dinheiro... Luísa sente-se feliz pelo dia cheio que teria, mas o tempo passa sem que Basílio apareça. Resolve escrever-lhe um bilhete, mas é interrompida por Sebastião. Dobra então o bilhete e coloca-o no bolso do vestido, irritada pela interrupção.

Sebastião vem falar-lhe de seus encontros com Basílio; toda a vizinhança comentava... Não era de bem que uma mulher casada recebesse tanto em casa um outro homem, estando o marido fora... Luísa reage nervosa e indignada, pois se os dois eram amigos de infância! Se não se viam há tanto tempo e eram parentes! O que tinha a vizinhança a ver com sua vida?! Demonstra sinceridade nas palavras e agradece a intervenção de Sebastião. Mas o que quer ele que ela faça? Que coloque o primo para fora de casa? A indignação e revolta de Luísa impressionam e desarmam Sebastião, que lhe pede desculpas e promete que não irá dizer nada a Jorge... Mas aconselha-a a tomar cuidado com os vizinhos mexeriqueiros.

Sebastião sai e Luísa, nervosa, pensa no desaforo e no absurdo que é o amigo de Jorge lhe vigiar a vida. Mas não pode deixar de dar razão a ele. Os vizinhos realmente eram de morte! Fica perdida entre os seus sentimentos por Basílio e os deveres de mulher bem casada, exposta às conversas dos vizinhos, até que chega Leopoldina, eufórica, esfomeada, pedindo bacalhau para o jantar. As duas amigas divertem-se muito: falam mal das empregadas, cantam fados ao piano, relembram os tempos de colégio, bebem vinho e champanhe. Leopoldina conta de seu amante, poeta e estudante, e de um banqueiro, o Castro, que soubera completamente apaixonado pela amiga! Luísa repreende-a pelo seu comportamento, fala em deveres, moral e religião. Mas Leopoldina diz que é impossível definir o que é ou não imoral, que mais imorais que os padres não havia e que ela não entendia por que devia ter deveres para com um marido como o seu, que não a amava. Depois do café, Leopoldina se vai, acompanhada por Juliana, porque tinha medo de andar sozinha àquelas horas da noite.

Luísa fica sozinha, um pouco tonta por causa do champanhe e do vinho, pensando nas palavras da amiga e em Basílio que não aparecera. Toca a campainha. Joana atende e vem dizer-lhe que era Basílio, pedindo para falar com a prima para se despedir, pois ia partir para Paris. Luísa assusta-se e manda-o entrar. Basílio diz que a partida era apenas uma desculpa para que ela o recebesse àquela hora. Luísa alivia-se enquanto Basílio a envolve com juras de amor. Entontecida, Luísa entrega-se a ele... Juliana chega, Basílio

disfarça, tocando uma ária ao piano que faz Luísa lembrar-se do marido. Basílio despede-se, propondo que achem um lugar onde possam encontrar-se longe dos olhos da vizinhança.

Ao arrumar o quarto da patroa e a sala, Juliana encontra um grampo para cabelo de Luísa no chão da sala. Coloca-o no quarto sem nada dizer. Luísa vai dormir ainda inebriada por tudo o que acontecera. Basílio vai ao Grêmio, contar ao amigo Reinaldo que finalmente completara a sedução da adorável priminha...

Retrato de Eça de Queirós por Bordalo Pinheiro, publicado em O Besouro

Capítulo VI

Luísa é acordada no outro dia por Juliana. Um criado do hotel traz-lhe um bilhete de Basílio, no qual se diz apaixonado e morto de saudades. Luísa fica encantada com a surpresa. Naquela manhã, tudo lhe parece lindo: lembra-se do amante, sente-se muito saudável, aprecia o dia de verão, arruma-se para ficar bem bonita. Lembra-se de Basílio o tempo todo. Jorge não passa de uma recordação esfumaçada em sua memória. Justifica o seu adultério com o de tantas mulheres famosas, com o seu amor, com o inevitável destino. Mas também Juliana está muito contente aquela manhã. Logo cedo, viu o bilhete iniciado pela senhora ao seu primo, ao arrumar os vestidos no quarto. Trabalhou cantarolando, paparicando sempre a patroa, enquanto no seu íntimo xingava-a, esperando o momento de dar o seu bote.

Luísa resolve escrever a Basílio. Na metade da carta, é interrompida pela visita da costureira, mas manda-a esperar, enquanto termina de escrever. Não consegue: aparece Dona Felicidade, que invade a casa à procura dela. Luísa, desesperada, joga a carta no cesto de lixo e leva a visita para a sala. A velha amiga quer sua opinião sobre uma simpatia para arranjar maridos, de que ouvira falar por um namorado de uma sua criada. A simpatia lhe custaria sete moedas, o que a afligia, porque era muito dinheiro. Mas diziam ser infalível! Luísa escuta inquieta, acha aquilo tudo uma grande bobagem, e de repente lembra-se da carta no lixo. Pede licença e sai desesperada da sala para o escritório, à procura do papel, mas Juliana já havia esvaziado o cesto de lixo... Luísa fica nervosa. Mas Juliana finge estar preocupada por ter feito alguma besteira: que papel era? Era muito importante? Desconfiada da criada, lembra-se do bilhete no bolso do vestido do dia anterior e vai ao quarto procurá-lo: está lá, o que a deixa menos preocupada e mais conformada com a carta ter ido para o lixo. Volta à sala para conversar com Dona Felicidade, quando chega outro bilhete de Basílio, do hotel. Anunciava que lhes arranjara um “ninho de amor”, dava o endereço e dizia que a esperava no dia seguinte. Dona Felicidade propõe um passeio e Luísa, toda feliz com a boa nova do primo, aceita sem pestanejar. Arruma-se para sair cantarolando; no que é imitada pela esforçada e alegre Juliana...

No dia seguinte, Sebastião conta a Julião sobre a conversa que tivera com Luísa. Julião não está muito interessado, porque preocupa-se com um concurso para uma cadeira de professor da Escola de Medicina, que podia ser sua tábua de salvação e para o qual estava estudando muito; mas teme politicagens e pede a Sebastião que interceda por ele junto a um deputado, primo do amigo. Enquanto conversam, Luísa passa ao longe e acena para eles, a caminho do “ninho de amor”.

A idéia de um lugar secreto onde se encontrar com o amante excitava Luísa mais que o próprio encontro. Sonhava com um lugar ricamente decorado, cheio de luxos e seduções, como os que se acostumara a imaginar lendo os seus romances. Apesar de que o endereço que Basílio lhe dera fosse em uma parte muito pobre de Lisboa, conformava-se com a idéia de que o lugar fosse feio por fora mas atraente por dentro. Ao chegar ao endereço, que decepção! A rua era pobre e malcheirosa. O sobrado, velho e imundo por fora; por dentro, móveis usados e grosseiros, decoração antiga, tudo sujo, sem sequer sombra de luxo ou conforto. O palácio que imaginara mais parecia uma pocilga... Mesmo assim entregou-se a Basílio e passou a ir encontrá-lo todos os dias naquele lugar.

Em casa, Joana estranha as mudanças de Juliana: já não reclama mais do serviço, passa os dias a trabalhar, cantarolando. Quanto mais roupa aparece para lavar, mais a empregada elogia o asseio da patroa. Mas a verdade é que por dentro ruminava o seu ódio, esperando a hora propícia para explodir. Na rua, os vizinhos falam das saídas diárias da mulher do engenheiro: todos têm certeza de que vai se encontrar com o “peralta”, às escondidas. As fofocas chegam ao ouvido de Tia Joana, que as repassa para Sebastião, que se desespera, sentindo-se impotente para fazer qualquer coisa. Como calar a boca da vizinhança? Como falar com Luísa? Como salvar, pelo menos, as aparências? Jorge escrevera-lhe reclamando que as cartas de Luísa eram cada vez mais escassas e apressadas. Resolve procurar a amiga e falar-lhe, mas Luísa recebe-o sem nenhum interesse, demonstrando tédio e cansaço, sem dar-lhe atenção, sequer falando em Jorge na conversa. Sebastião não tem coragem de tocar no assunto de suas escapulidas diárias. Mas na rua todos lhe falam no escândalo das saídas de Luísa e ele resolve ir aconselhar-se novamente com Julião. Em vão. Encontra o médico afundado nos estudos para os exames da Escola de Medicina, escrevendo sua tese; Sebastião não consegue lhe falar de Luísa porque chega um estudante que começa uma discussão com Julião sobre medicina, religião, filosofia. Desiste de tratar do “assunto Luísa” e vai-se embora. Lembra-se então de pedir a ajuda de Dona Felicidade. Vai até a casa dela e descobre que a velha senhora estava hospitalizada por causa de uma torção no pé. Isso lhe dá uma idéia para, pelo menos, camuflar as saídas de Luísa.

Sebastião volta à casa de Luísa e lhe conta da enfermidade da amiga. Luísa sai imediatamente para visitar Dona Felicidade, enquanto Sebastião trata de falar ao Paula que a senhora Dona Luísa saía todos os dias para visitar a senhora Dona Felicidade, que se machucara e estava hospitalizada. A fofoca espalha-se pelo bairro e todos se admiram das virtudes de Luísa. Já não é mais a esposa infiel, mas a caridosa que visita os enfermos. Sebastião sente-se aliviado por conseguir salvar as aparências na vizinhança, mas nem um pouco convencido, em seu íntimo, de que fizera a coisa certa. Na verdade, Luísa vai visitar Dona Felicidade apenas por algumas horas, disparando em seguida em direção ao *Paraíso*, como chamavam o quarto onde se encontravam.

Os encontros a princípio são cheios de amor e volúpia: Basílio ensina a Luísa maneiras chiques de se vestir e comportar e novidades amorosas que a deixam cada vez mais apaixonada e seduzida. Contudo com o passar do tempo, Luísa nota que o amante parece entediado e que não é mais afetuoso e galante como antes. Comporta-se às vezes com muita secura, com muita superioridade, sem importar-se com os de-sejos dela e até falando-lhe mal do marido. Mas como algumas vezes também comporta-se com doçura e paixão, Luísa perdoa-lhe os maus momentos e convence-se de que os sentimentos dele para com ela são sinceros. Por isso ia sempre ao *Paraíso*.

Ao voltar para casa, por duas vezes já encontrara Juliana pelo caminho; a criada dizia ter ido ao médico cuidar de suas dores.

Na verdade, Juliana deixava a feliz Joana em casa, a sós com o amante, enquanto ia aconselhar-se quase todos os dias com a sua inculcadeira, Dona Vitória Soares. Tia Vitória era conhecida de quase todos os empregados e criados de Lisboa. Tomava conta de todo mundo: arrumava empregos, emprestava dinheiro para os que precisavam, aplicava dos que tinham mais sorte, aconselhava os que tinham planos ou problemas. Em sua casa muito pobre havia uma espécie de escritório, era ali que Juliana ia encontrar-se com ela para se aconselhar. Em casa, de acordo com as ordens de Tia Vitória, comportava-se como a mais fiel das criadas. Esperava “o seu momento”.

Capítulo VII

Certo dia, quando Luísa se dirige para o *Paraíso*, encontra Ernestinho na rua. O primo de Jorge, surpreso por encontrá-la, conta-lhe que sua peça estava quase pronta e que mudara-lhe o final. O marido traído perdoava a esposa e o casal se mudava para o estrangeiro. Luísa despede-se e vai ao encontro de Basílio. Conta ao amante que tem medo de que Ernestinho fale do encontro a Jorge e sugere que talvez devessem se encontrar menos. Afinal, ela se arriscava muito! Basílio não lhe dá muita atenção, diz que por ele está tudo como ela quiser. Luísa impacienta-se com Basílio. Já não é mais o mesmo, não lhe dá atenção, vê-a como um simples capricho, preocupa-se apenas com sua vaidade. Mas Basílio sempre consegue convencê-la de

que não. Diz que realmente a ama. Apenas não há por que ficar paparicando-a o tempo todo, já que agora são tão íntimos.

Naquela tarde, ao voltar para casa, Luísa não encontra Joana, que saíra. Enquanto espera pelo jantar, pensa que talvez houvesse feito uma besteira envolvendo-se com o seu primo. Sentia saudades de Jorge, que sempre a tratava tão bem, sempre lhe considerava tanto! Sentia-se como Leopoldina: uma vaidosa, que só se preocupa consigo mesma, que está sempre à busca de novas experiências, sacrificando sua felicidade conjugal. No entanto, Basílio jurava-lhe que a amava tanto! Dizia que estava em Lisboa apenas por causa dela e isso parecia verdade. De qualquer maneira, decide que no dia seguinte não iria ao *Paraíso*, ficaria em casa. De fato, assim o faz. Recebe naquele dia uma carta de Jorge, o que aumenta-lhe as saudades e as boas recordações do marido. Mas à tarde recebe um bilhete de Basílio, em que ele dizia que desesperara-se com a ausência dela no encontro diário.

No dia seguinte, confusa e perturbada, decide tirar na sorte se vai ou não ao *Paraíso*. A sorte lhe diz que vá. Esperava encontrar Basílio humilde e arrependido de suas grosserias, mas ele comporta-se mal com ela, repreendendo-a por ter faltado no dia anterior. Ela decide ir-se embora mas ele se arrepende e faz que ela fique. Acabam passando uma boa tarde juntos. No outro dia, Basílio esperava-a com um cesto cheio de comida e champanhe. Luísa fica maravilhada com a surpresa e os dois passam a tarde entre juras de amor, muito felizes e íntimos. Luísa volta para casa excitada. Resolve sair para visitar Leopoldina, acompanhada de Juliana. Não encontra a amiga em casa, porque ela viajara para o Porto. Resolve então andar pelas ruas, mas assusta-se com homens que mexem com ela. Juliana os espanta e voltam para casa. Luísa vai dormir arrependida por sua ousadia de sair tão tarde para a rua, acompanhada apenas da criada.

Na manhã seguinte acordou muito feliz. Saiu logo cedo ao encontro do amante. Mas encontrou-se na rua com o Conselheiro, que insistiu em acompanhá-la. Faz de tudo para livrar-se dele: andam por todo o centro de Lisboa, Luísa entra em uma igreja com a desculpa de rezar e demora-se, entra em lojas, mas o Conselheiro não arreda pé dela. Irritada com ele, com sua voz e suas conversas, Luísa inventa uma desculpa: precisava ir ao dentista! Despede-se do Conselheiro e toma uma carruagem para o *Paraíso*. Lá chegando, o amante não está mais. Vai então até o Hotel Central, mas lá também Basílio não está. Resolve então voltar mais cedo para casa do que de costume, muito irritada com tudo o que lhe acontecera durante o dia. Chegando em casa, encontra tudo desarrumado porque Juliana estivera até aquele momento desocupada, fazendo hora. Cheia de cólera, resolve descontar na empregada tudo o que passara durante o dia, ameaçando despedi-la, mas Juliana enfeza-se e revela que possui a carta que ela escrevia para Basílio e jogara no lixo. Luísa desmaia.

Capítulo VIII

Luísa acordou com a ajuda de Juliana e Joana. Encontrou a casa já arrumada. Juliana foi deitar-se, dizendo que estava com dores. Joana serve o jantar. Luísa procura saídas para o seu drama: e se Juliana morresse? Inútil. Sabe que a única coisa que lhe resta é fugir com Basílio. A princípio sente-se infeliz; pensa em escrever uma carta a Sebastião explicando tudo. Mas logo considera que na verdade era melhor mesmo fugir, afinal partiria com um homem que a amava e a quem ela também amava muito. Deixaria a sua vida sem graça de Lisboa para ir viver com Basílio as delícias de Paris. Põe-se então a arrumar a mala. Descobre que Juliana roubara-lhe também algumas cartas que o amante lhe escrevera. No quarto, antes de se deitar, olha para a cama e lembra-se de quando estivera doente, com pneumonia, e Jorge não arredara pé dela, ficara quase sem dormir o tempo todo, incentivando-a a melhorar, sofrendo por ela, descansando às vezes em um colchão ao lado da cama. Chegou até a chorar e beijar o médico quando ele disse que enfim Luísa estava quase curada. Essas lembranças fazem-na chorar.

Antes de se deitar, Juliana desceu mais uma vez do sótão para avisar que ainda se sentia mal. Luísa estremeceu apenas de ouvir a sua voz no corredor, conversando com Joana. Por fim, vai deitar-se, fatigada, e dorme logo. Juliana, por sua vez, não consegue dormir. Pensa em como conseguira roubar do lixo do escritório a carta que Luísa escrevia a Basílio e em como ficara imensamente feliz com aquilo, mas sem

saber o que fazer. Foi a Tia Vitória que a convenceu a esperar até conseguir uma carta do amante para ter mais armas na mão. Durante meses trabalhou com afinco para descobrir as cartas, fez até cópias de chave. Mostrou as cartas a Tia Vitória e ambas riram muito. Sentia que tinha a patroa na mão. Mas depois do que aconteceu naquele dia, era melhor não facilitar. Por isso, no outro dia, foi logo cedo à casa de Tia Vitória. Ela não estava, motivo pelo qual Juliana teve que esperá-la na sala com os outros criados, que o tempo todo comentavam as vantagens que conseguiam ou não tirar dos patrões. Enfim Tia Vitória chega e leva Juliana para dentro; ouve a sua história e aconselha-a a deixar com ela as cartas: mandaria alguém ao hotel com um bilhete e uma cópia das provas do adultério, exigindo de Basílio um conto de réis por elas! Enquanto isso Juliana não deve voltar à casa de Luísa; passaria aquela noite com ela. A criada sai da casa de Tia Vitória exultante e passa o dia na rua, a desfrutar de sua liberdade, sonhando com a fortuna que espertamente conseguira.

Já Luísa acorda tarde. Recebe de Joana a notícia de que Juliana saíra desde a manhã e não voltara, o que na verdade mais alivia que preocupa Luísa. Às onze e meia, coloca o chapéu, bota a fotografia de Jorge na mala e sai à procura de Basílio. Não o encontra no hotel e parte para o *Paraíso*. Basílio já a esperava lá, irritado com sua ausência no dia anterior e com sua demora. Luísa conta-lhe todo o seu drama, tudo o que acontecera, e se diz disposta a fugir com ele. Ele tenta acalmá-la, argumentando que aquilo não era caso de fugir, que seria apenas caso de molhar a mão da empregada com algum dinheiro, que a fuga apenas enlamearia de vez o nome dela, que ele não tinha como garantir a ela nenhum futuro... Luísa sente-se abandonada por Basílio. Ele fica furioso: diz que pagará pela besteira que ela fez de deixar à mão da criada as cartas, mas que ela tomasse cuidado no futuro. Indignada, Luísa recusa o dinheiro. Basílio tenta acalmá-la. Ela suplica mais uma vez que ele fuja com ela! Basílio se recusa e ela sai em disparada do quarto e entra na carruagem que a espera, ordenando ao cocheiro que siga para sua casa.

Basílio volta para o hotel muito agitado. Estava irritado com aquela história, parecia-lhe que aquilo de criados e intrigas de adultério era algo muito trivial, muito burguês! Mas não podia deixar de sentir-se responsável pelo que acontecera. Tivera bons momentos com a prima, mas aquilo já estava se tornando maçante e ele não tinha motivos para se embrulhar tanto. Resolve aconselhar-se com o amigo Reinaldo, que chegava de uma viagem desastrosa à casa de uma parente, em Benfica. Reinaldo diz que Basílio tem escrúpulos demais, que perdia o seu tempo e o dele em Lisboa, que inventasse uma desculpa qualquer, um telegrama urgente de Paris, por exemplo, para ir-se embora logo de Portugal. Deixasse a prima resolver-se sozinha. Basílio hesita, mas Reinaldo o convence.

Na manhã seguinte, Basílio vai despedir-se de Luísa. Mostra-lhe um telegrama de Paris que exigia urgente a sua partida de Portugal. Luísa recebe o primo e o telegrama com ironia. Nada faz que acredite em Basílio. Recusa, orgulhosa, o dinheiro que ele lhe oferece para resolver o problema com a criada.

Basílio parte e Luísa, desconsolada, vai para o quarto pensar em Jorge, imaginando que ele a perdoaria. Joana interrompe seus pensamentos para dizer que Juliana não aparecera e para pedir permissão para ir procurá-la. Luísa concede. Também se sente inquieta com aquele desaparecimento: o que a criada tramava? Mas antes que Joana voltasse, a própria Juliana aparece. Luísa a recebe com medo. Juliana estava colérica porque soubera da partida de Basílio. Descarrega em Luísa tudo o que passara aqueles meses, enquanto ela se divertia com o amante. Assume-se como ladra mas diz estar cansada de sua vida de misérias e coloca as suas condições: queria seiscentos mil-réis pelas cartas, caso contrário faria um escândalo. Luísa desespera-se e chora: onde arranjaria tanto dinheiro?! Mas Juliana mal a ouve e não se comove. Luísa promete então que daria um jeito de atender às exigências da criada. Juliana vai-se embora.

Volta Joana. Luísa vai deitar-se. Passa uma noite horrível, repleta de pesadelos, mal-dormida. Acorda um pouco melhor porque a manhã estava linda. Dispõe-se a lutar, tem esperanças. O criado de Sebastião vem logo cedo perguntar por Luísa. Ela lhe diz que Sebastião a viesse visitar; faz planos de contar tudo ao amigo e pedir-lhe ajuda. Logo que ele chega, fica muito feliz de saber que Basílio partira de Lisboa. Conversam sobre Jorge; Sebastião diz que ele estava para voltar e que lhe recebera duas cartas. Ao mostrar uma das cartas para Luísa, engana-se e apresenta-lhe uma carta em que Jorge conta de várias mulheres que, durante a viagem, o cortejavam. Mostra-se um pouco interessado pelas mulheres mas em nenhum momento fica claro que também a traíra. Um tanto surpresa e irritada, Luísa acaba por desviar o assunto e não falar do

dinheiro. Aliás, Sebastião reclama que gastava nas reformas de sua chácara mais do que esperava. Sebastião sai.

Pouco depois, Luísa recebe um bilhete muito respeitoso de Juliana. A criada pede desculpas pelo seu ataque da noite anterior e propõe-se a voltar para a casa e continuar servindo até que a patroa conseguisse o dinheiro prometido. A patroa não tem vontade de receber a criada, mas com medo manda dizer que sim, que volte. Juliana volta, comporta-se o dia todo como se nada tivesse acontecido. Luísa vai dormir e tem novamente pesadelos, com Juliana e com Jorge.

Capítulo IX

Juliana voltara para casa de Luísa por conselhos de Tia Vitória. Como Basílio fugira, só lhe restavam duas alternativas: revelar o escândalo e correr o risco de Jorge perdoar Luísa ou de escorraçá-la de casa; ou voltar para casa, esperar que Luísa lhe fizesse alguns favores e lhe pagasse o dinheiro. Juliana voltou. A princípio, Luísa morria de medo dela. Com o tempo, acostumou-se. Juliana comportava-se como se nada tivesse acontecido. Sebastião viajara novamente para a chácara em Almada. Luísa esperava apenas que voltasse para pedir-lhe ajuda.

Até que uma tarde Juliana toca no assunto do dinheiro. Luísa balbucia, alegando que ainda não o tem. A criada vira-lhe as costas, ameçando contar tudo a Jorge quando chegasse. Desesperada e confusa, Luísa começa a fantasiar a vingança de Jorge. Procura saídas. A única que encontra é escrever a Basílio pedindo o dinheiro, mesmo humilhada. No dia em que coloca a carta no correio, aparece Sebastião. Luísa, confiante na carta, não lhe pede dinheiro. Mas a resposta de Basílio nunca chega e Luísa se convence de que está definitivamente sozinha. Começa a fantasiar soluções e medos: joga na loteria e faz promessas; pensa no que dirá à vizinhança quando o escândalo for revelado. Até que um dia Juliana vem lhe mostrar um vestido de seda que tinha um pequeno rasgado. Dá o vestido de presente para a criada, que fica felicíssima. Luísa entrevê então uma saída: o jeito era mimar, paparicar a empregada, para que não contasse nada até que conseguisse o dinheiro.

Dois dias depois, Jorge telegrafa, comunicando sua volta. Luísa pede mais um tempo para Juliana, que concede, pedindo em troca alguma "ajuda" para os seus problemas, sendo a primeira delas uma permissão para sair, àquela tarde, de folga. Mesmo sabendo que Joana não estaria em casa, Luísa diz que está tudo bem. Ao sair Juliana, Luísa vai mexer no quarto dela à procura das cartas, mas nada encontra e ainda se assusta com a chegada de Dona Felicidade, recuperada de sua enfermidade no pé, para uma visita surpresa. Dona Felicidade convidara também o Julião e o Conselheiro para a visita. Os amigos logo chegam e estranham o fato de que Luísa tivesse dispensado as duas criadas no mesmo dia.

Na sala, conversam sobre a recuperação de Dona Felicidade; sobre os preparatórios de Julião para o exame, sobre o novo livro do Conselheiro e sua indicação para receber uma condecoração do governo, sobre a partida de Basílio e, para o desespero dos nervos de Luísa, sobre adultério, pois estavam vendo uma ilustração de um livro em que o marido se preparava para matar a mulher infiel. Já é tarde da noite. Joana já chegara, mas até o momento, nada de Juliana. Luísa, aflita decide que Joana, ajudada por ela, deve servir o chá. Falam então de criados: Julião insinua que a empregada do Conselheiro era um tanto bonita (o que deixa Dona Felicidade aborrecida) e adverte Luísa de que Juliana sofre de um aneurisma, podendo morrer a qualquer momento. Terminado o chá, todos se vão.

Juliana só chega muito tarde da noite. Tinha ido ao teatro. Luísa tem outro pesadelo: sonha que ela, Basílio e Jorge estão representando o drama de Ernestinho, que os amigos são parte da platéia, que Jorge a mata, que apenas Sebastião a defende. Acorda com a voz de Jorge entrando em casa.

Capítulo X

Jorge voltara muito amoroso e sem barba, mais bonito. Luísa sente-se completamente apaixonada por ele e fica namorando-o a manhã toda, até ser interrompida pela chegada de Sebastião. Alguns dias depois, Juliana vem falar com a patroa. Reclama do quarto que tanto mal lhe faz à saúde. Propõe mudar-se para o quarto dos baús, onde Jorge guardava velhas coisas de família. Luísa convence o marido de que era pertinente a reivindicação da criada. Mais alguns dias e Juliana pede que se coloque uma esteira no quarto, porque o chão estava podre. Sem pedir autorização ao marido, Luísa compra a esteira e manda colocá-la. Jorge estranha a súbita mudança de atitude da esposa em relação à criada. Luísa mente, dizendo que durante sua ausência ficara mais íntima dela e que ela a tratara muito bem por ocasião de um mal-estar corriqueiro. Jorge recompensa a criada com uma gorjeta. Mais uma semana e Juliana exige uma arca nova para suas roupas. Luísa faz entrar o móvel escondido de Jorge. A partir daí, a criada começa a reclamar roupas novas para encher a arca. A patroa vai desfazendo-se de suas roupas mais velhas para agradar a criada. Joana fica pasmada com aqueles luxos para Juliana, e começa a sentir ciúmes. A patroa, com medo de que a outra criada soubesse de alguma coisa, começa a paparicá-la também. Dá-lhe dinheiro para comprar roupas e permite que saia todas as noites para namorar. A fama de que na casa do engenheiro os empregados viviam na boa vida espalha-se por Lisboa. Começam a chegar para Jorge várias cartas de empregados e empregadas oferecendo-se para trabalhar para ele. Jorge estranha e acha engraçado, mas está muito ocupado com seu relatório de viagens para se preocupar com coisas tão pequenas. Além disso, Luísa mostra-se, à noite, cada vez mais apaixonada pelo marido.

Mas Juliana resolve então, para o desespero de Luísa, usufruir dos confortos que conseguira. Aconselhada por Tia Vitória, passa a exigir a mesma comida dos patrões, aumentando a porção diária da cozinha; começa a se levantar sempre tarde, o que obriga Luísa a levantar-se cedo para fazer o serviço de empregada. Enquanto isso, Joana acha tudo cada vez mais estranho e toma ódio de Juliana. Jorge não entende o comportamento de Luísa e um dia, irritado com o desleixo de Juliana, repreende-a duramente. A criada se cala, mas diz a Luísa que ou arranje outra empregada ou ajude-a mais nos serviços de casa. Luísa, um dia em que Juliana se demorava na rua e Jorge reclamava das ausências da empregada, começa a chorar, numa crise de nervos. Jorge, transtornado, fica sem saber o que fazer e sem entender o que acontecia. Por fim, certa vez em que Luísa passava roupa e Juliana preparava-se para sair, Luísa atira o ferro ao chão e sai de casa. Juliana vê então que exagerou.

Luísa saíra, desesperada, para ir encontrar-se com Leopoldina. Vai até sua casa e conta-lhe todos os problemas. Leopoldina não tem como ajudá-la, não tem dinheiro. Mas diz-lhe que o dinheiro se conseguiria facilmente, caso Luísa se entregasse ao banqueiro Castro, homem apaixonado por ela e muito rico. Luísa se recusa e sai. Entra em uma igreja para rezar e se consola com fantasias de ir para o convento; mas ao voltar para casa está muito abatida. Juliana a espera para pedir-lhe desculpas, mas Luísa sequer lhe dirige a palavra.

Capítulo XI

É então que o Conselheiro recebe do governo a condecoração de *cavaleiro da ordem de São Tiago* e organiza em sua casa um jantar com amigos para comemorar. Estão presentes Jorge, Julião, Sebastião, o Sr. Alves Coutinho, colega de ministério do Conselheiro, e Savedra, o redator do jornal *Século*. O Conselheiro, antes do jantar, brinda-os com a leitura de um trecho dos originais de seu novo livro, *Descrições das Principais Cidades do Reino e seus Estabelecimentos*. Com o jantar à mesa, Julião pede para lavar as mãos e o Conselheiro o conduz até o seu quarto particular, onde havia o lavatório. Julião observa no quarto duas obras religiosas ao lado da cama e uma edição das poesias obscenas de Bocage, escondida na gaveta da mesa de cabeceira! No leito do Conselheiro Acácio, dois travesseiros revelam uma amante de que todos suspeitavam mas de que ninguém tinha certeza. À mesa, à medida que vão chegando os pratos, discute-se de tudo: religião, política e mulheres. O Conselheiro é muito conservador, mas Julião mostra-se

um revolucionário: odeia a Igreja e acha que a solução para Portugal seria uma revolução com algum derramamento de sangue.

Falam então da família. Jorge e Luísa são elogiados e Savedra diz que vira muito a Sra. Luísa no verão, passando todos os dias perto de sua casa, distante do centro da cidade e da casa de Jorge, o que deixa este um tanto embaraçado. Mas logo começam a brincar com o Conselheiro: por que ele não se casara? O Conselheiro Acácio argumenta que não se achava com as forças necessárias para assumir as responsabilidades do casamento, quando jovem. E que agora estava muito velho, do que todos discordam. Depois dos doces e do champanhe, o Conselheiro fez o seu discurso, brindando à família real.

Durante o café com licores, todos puderam ver a bela criada do Conselheiro. Uma mulher de meia-idade, bem conservada, sua amante "secreta". Enquanto os amigos conversavam, Julião escapuliu para a biblioteca e, ao descobrir um manto que escondia uma pilha de livros e lhe despertara curiosidade, viu que eram vários exemplares encalhados das obras do Conselheiro!

Depois do jantar, já em casa, Jorge interroga Luísa sobre suas idas para os lados da casa do Savedra, em Arroios. A mulher disfarça e diz que ia visitar uma amiga de infância que passava férias em Portugal. Luísa, por aqueles dias, não se sentia nada bem, o que preocupava Jorge. Joana, preocupada com a patroa, discute com Juliana, que não vê nada demais naquilo. Eram apenas doenças do peito, porque Luísa gostava muito de trabalhar... De fato, Juliana já não fazia o mínimo esforço para colocar a casa em ordem, Luísa que se virasse!... Enquanto isso, toda a vizinhança já sabia que a mulher do engenheiro ia mal e dava palpites sobre a doença.

Certo dia, Luísa desmaiou. Jorge mandou chamar Julião, que veio irritado, pois estava nos preparativos finais para o seu exame. O médico diz que Luísa não tem nada, apenas fraqueza. Janta e vai-se embora. Mas Jorge preocupa-se com a esposa: certo dia, surpreende-a varrendo a casa e a recrimina severamente. Luísa finge que faz aquilo apenas para se distrair, fazer algum exercício... À noite, irritado, Jorge comenta o fato com Sebastião, que os visita. Luísa pede ao amigo que cante alguma coisa, mas todas as músicas que pede lembram morte, o que deixa Jorge ainda mais enfezado.

Na reunião do domingo seguinte, o Conselheiro não pôde vir, mas mandou lembranças a todos por um bilhete, especialmente para Dona Felicidade, que fica exultante e confidencia a Luísa que aquilo era resultado de uma simpatia que pagara a uma mulher para que Acácio se apaixonasse. Julião está feliz com o seu desempenho nos testes para a cadeira da Escola de Medicina. Enquanto conversam, Juliana desmaia na cozinha e Joana grita por socorro. Não era nada de muito grave, garante Julião, mas a empregada tinha problemas sérios de saúde, podia morrer a qualquer momento... Jorge decide então despedir a criada, o que deixa Luísa desesperada. Com aquela decisão, não havia mais como fugir ao confronto.

No outro dia, no jornal, Luísa lê a notícia de que o banqueiro Castro partiria muito em breve, definitivamente, para Paris. Decide-se então a ir procurar Leopoldina em sua casa e pedir a ela que mandasse o banqueiro ir encontrá-la. Resolve entregar-se a ele e resolver de uma vez por todas o probelma. Assim o faz. Leopoldina escreve ao banqueiro e encoraja a amiga, mas Luísa tem medo, nojo e vergonha do que irá fazer. Chega o banqueiro e Leopoldina explica-lhe a situação. Deixa Luísa e Castro sozinhos na sala da casa. O banqueiro logo tenta agarrar Luísa, mas ela solta-se dele, desesperada, agarra o chicote que ele trazia e dá-lhe uma surra. Leopoldina, preocupada com o barulho, abre a porta da sala e vê Castro fugindo pela porta. Interroga Luísa e, ao saber do que acontecera, quase estoura de rir. Mas faz-se séria ao ver que a amiga havia quebrado o candeeiro de azeite. Luísa vai embora, desconsolada.

Capítulo XII

Durante a semana, em um dia de feriado, Jorge chegou mais cedo em casa e encontrou Juliana deitada na poltrona do quarto de Luísa, lendo jornal, e sua mulher passando roupa! Interroga Luísa sobre o que acontecia. Ela diz que a criada está doente, mas Jorge já não aceita mais aquelas desculpas e se irrita. Luísa começa a chorar, muito nervosa. Jorge pára de pressioná-la, mas sua irritação contra Juliana é cada vez maior, o que deixa Luísa apavorada. O marido não perde uma oportunidade de se referir à criada como a

"rainha da casa". Juliana, com medo do patrão, a princípio tenta retomar algumas de suas funções. Mas como está cada vez mais fraca, o serviço é cada vez mais malfeito e ela fica cada vez mais preguiçosa e impaciente com o patrão. Certa manhã, Juliana sai para passear e Jorge, que tem um compromisso, encontra a mesa do almoço ainda desfeita, o que o deixa profundamente irritado. Juliana chega logo depois do almoço. Luísa, para demonstrar autoridade, ordena à criada com fingida raiva que ela vá fazer o chá. Jorge grita com ela, que sai correndo da sala. Jorge então sai de casa para o seu compromisso berrando-lhe que está despedida.

Luísa tenta contornar a situação, conversando com Juliana. Mas ela não só não lhe dá atenção como a humilha, ameaça-a e chama-a de puta, na frente de Joana. A cozinheira, ao ver a patroa ser xingada, atira-se sobre a criada e a esbofeteia. Juliana foge da cozinha e prepara-se para ir embora. Luísa, quase sem forças, aos prantos, pede a ela que fique. Ela ordena que a patroa então despeça Joana. Luísa se arrasta até a cozinha e implora de joelhos à cozinheira que deixe a casa, que se despeça e não diga nada a Jorge. Joana, com pena dela, atende ao pedido. Juliana vai ao quarto de Luísa, que se deita para descansar, e diz-lhe em tom autoritário que, a partir daquele momento, ela se comporte dentro de casa. Era demais!

Luísa levanta-se bruscamente, coloca roupa às pressas, atravessa a rua, entra na casa de Sebastião e diz-lhe num repente que escrevera cartas a outro homem e que estava tendo problemas sérios por causa daquilo. Sebastião fica pálido, mas Luísa começa a chorar convulsivamente e conta-lhe tudo o que estava passando nos últimos tempos, o que deixa o amigo muito comovido e indignado. Sebastião arma uma maneira de ter de volta as cartas. Precisava de que Juliana ficasse sozinha em casa àquela noite. Inventa então uma sessão de teatro para Luísa, Jorge e Dona Felicidade. Luísa escreve a Jorge que irá encontrá-lo na cidade para apanhá-lo e a Dona Felicidade que vá buscá-la em sua casa. Sebastião providencia um camarote e a carruagem. Luísa volta para casa. À entrada, encontra Joana, que está indo embora. Diz-lhe que volte dali a dois dias. Esconde-se de Juliana e se arruma. Logo chega Dona Felicidade e as duas partem para apanhar Jorge, que fica feliz com a surpresa.

Capítulo XIII

Quando chegam, o pano já estava levantado. A peça da noite era o *Fausto*. No primeiro intervalo, comentam que estava tudo muito chique e um colega de Jorge veio visitá-los para contar a história de uma mulher que abandonara um conhecido dos dois. Durante o segundo ato, Dona Felicidade exalta-se com a presença do Conselheiro na platéia. Este vai visitá-los no segundo intervalo e fica no camarote. No terceiro ato, quando um tenor canta a ária da sedução de Margarida por Fausto, Luísa lembra-se da noite em que Basílio a seduzira e fica apreensiva, pensando no que estaria acontecendo em sua casa naquele momento. No intervalo seguinte, Jorge e o Conselheiro saem para fumar. Ao iniciar o quarto ato, Luísa não pensa senão em como está se virando Sebastião...

Sebastião, enquanto isso, dirige-se à casa de um amigo, comissário de polícia, e pede-lhe que arranje um policial para "dar um susto" em uma pessoa que lhe estava trazendo alguns problemas, que lhe roubara algumas coisas. O amigo atende ao pedido e, logo, acompanhado de um soldado alto e forte, Sebastião bate à casa de Jorge. Juliana vem atender e se assusta com o policial. Sebastião indica a mulher para o policial e deixa-o esperando na sala. Leva Juliana para a cozinha e exige as cartas de volta, ameaçando mandá-la para a cadeia. Juliana, vendo-se perdida, entrega-lhe as cartas. Sebastião vai até a sala e despacha o policial. Volta para dentro e encontra Juliana ameaçando contar tudo a Jorge e xingando Luísa. Sebastião não se abala. Calmo, ameaça-a com a mais absoluta miséria. A empregada cospe-lhe na cara, tem um ataque e desaba no chão. Sebastião sai da casa correndo e vai buscar o Julião, que chega ainda de chinelos e diz que a mulher está irremediavelmente morta. Carregam-na para o quarto e Julião vai comer alguma coisa na cozinha, enquanto conta para o amigo que não conseguira a vaga no concurso, mas que lhe deram, como consolo, um posto inferior.

Logo Jorge, Luísa e Dona Felicidade chegam do teatro. Sebastião vai esperá-los à porta e conta a novidade. Luísa não quer dormir em casa apesar da insistência de Jorge, e vão para a casa de Sebastião.

Capítulo XIV

No dia seguinte, Luísa acorda com febre e não consegue se levantar. Chamam Julião, que diz ser apenas uma febre nervosa, que ela apenas precisa de descanso. Em casa de Jorge, preparam o despacho do corpo de Juliana. O padre, a amortalhadeira e os homens da funerária acotovelam-se na casa. Joana volta para tomar conta da casa, pois soubera da morte de Juliana. Jorge e Luísa decidem ficar mais dois dias na casa de Sebastião, o que deixa o amigo muitíssimo contente, principalmente porque a sua afeição por Luísa cada dia crescia mais.

Arrumam uma nova criada, uma menina muito nova e doce, que se apaixona logo por Luísa, chamada Mariana. A febre de Luísa vai e vem e ela se sente muito feliz. Dona Felicidade vem visitar a amiga para contar que a história da simpatia para atrair maridos era invenção, e que haviam lhe roubado dinheiro. Em uma madrugada, a febre de Luísa piora. Julião, chamado às pressas, diz que o estado inspira cuidados mas que não há muito a fazer. Que ela repousasse absolutamente, que ninguém a incomodasse de nenhuma maneira e que esperassem. Era uma febre nervosa, talvez causada por algum tipo de excitação mental.

Naquele dia, Jorge recebe uma carta de Paris para Luísa. Como ela não deve ser incomodada e ele está muito curioso, resolve abri-la. Afinal podia ser algo importante. Era de Basílio. O primo respondia ao pedido de dinheiro. Explicava que demorara dois meses para receber a carta de Luísa e por isso acreditava que ela já resolvera o problema. Mas que lhe escrevesse, se ainda precisasse do dinheiro. Faz juras de amor e referências ao *Paraíso*. Jorge fica irritado, furioso, desesperado. Chora, agita-se, quer cobrar explicações de Luísa mas lembra-se das instruções de Julião para que ela não fosse incomodada.

Luísa chama-o ao quarto. Está mal e quer vê-lo. Logo nota que ele está aflito, quase chorando, e fica nervosa. Julião aparece nesse momento. Retira Jorge do quarto e repreende-o severamente por aquela cena. Como queria que sua esposa se recuperasse, se ele não seguia as prescrições médicas? Jorge então entra no mais profundo sofrimento. Não pára de pensar no caso. O que teria havido? Como teria sido? Onde teria sido? Olhava para Luísa e tinha crises silenciosas e angustiantes de ciúmes. De repente, entendia tudo que havia acontecido entre ela e Juliana. A morta possuía o segredo! Mostra a carta a Sebastião, mas este nada lhe conta, faz que não sabe de nada, tenta acalmá-lo, lembra-lhe que Luísa está muito doente.

Luísa melhora muito lentamente. Enquanto isso Jorge sofre, não pára de pensar no adultério. Luísa percebe que o marido está diferente, mas faz planos para o futuro: tornar-se religiosa, não encontrar-se mais com Leopoldina... E a cada dia é mais afetuosa e carinhosa com Jorge, o que o deixa transtornado.

Até que um dia Julião autoriza a presença de Luísa na reunião dos domingos à noite. O assunto era a estréia da peça do Ernestinho, que aparece para ver Luísa. A peça obtivera êxito total, casa cheia todas as noites e muitas críticas favoráveis dos jornais. Ernestinho conta a Jorge que perdoara a heroína da peça, e lembram-se que Jorge era pela morte da esposa infiel. O Conselheiro o repreende, os demais o provocam e ele acaba confessando que mudara de idéia. Mas tem que retirar-se, nervoso, para o escritório. No fim da noite, Julião faz uma brincadeira com Ernestinho e o Conselheiro, que iam com ele na mesma carruagem: “Ora aqui vou entre os representantes dos dois grandes movimentos de Portugal desde 1820. A Literatura – e cumprimentou Ernestinho – e o Constitucionalismo! – e curvou-se para o Conselheiro”.

Capítulo XV

No dia seguinte, ao voltar do trabalho, Jorge encontra Luísa muito disposta. Ela o interroga sobre o porquê de sua cara infeliz e ele, apesar de titubeante, resolve falar-lhe. Estende-lhe a carta e pede explicações. Mal ela abre a carta, vê a letra de Basílio. Leva as mãos à cabeça e desmaia com um grito rouco. Jorge grita, as empregadas da casa correm, alguém vai chamar Sebastião, que corre para buscar Julião. Luísa acorda, vê Jorge e desmaia novamente. Ao acordar, chama insistentemente pelo marido, que lhe diz que

a carta não interessa, que ela esquecesse tudo, que nada daquilo importava. Luísa sente fortes dores de cabeça, mas Julião diz que é normal, que ela precisa apenas de compressas de água fria na cabeça.

Julião volta mais tarde para ver a doente. O estado dela piora. Continuam as dores de cabeça e sua frio. Qualquer movimento, qualquer barulho, qualquer luz fazem-na gritar. O médico começa a se preocupar. À noite, Luísa começa a delirar, contorce-se o tempo todo de dor e sede, murmura nomes. Julião confidencia a Sebastião que ela corre perigo, e avisa a Jorge que será necessário cortar o cabelo da mulher para que as compressas façam efeito. Jorge suplica-lhe que não faça isto, que esperem pelo dia seguinte. Todos em casa passam a noite em claro.

No dia seguinte, sem melhoras de Luísa, Julião ordena que chamem o barbeiro para cortar o cabelo da paciente. Jorge não suporta ver a cena, esconde-se na sala e pede que o barbeiro faça logo o serviço. Ela melhora um pouco e Jorge pede a Julião que chamem um antigo médico de sua mãe, o Doutor Caminha. Julião concorda. Luísa tem um momento de lucidez, chama por Jorge e nota que lhe rasparam a cabeça. Pouco depois, piora. Parece não sentir mais nada, seu corpo apenas rolava de um lado para o outro.

Dona Felicidade aparece ao meio-dia e fica impressionada com o estado de Luísa. Põe-se a arrumar o quarto e a animar Jorge. O Doutor Caminha aparece, decide colocar um cáustico e diz que voltará mais tarde. Inútil. Daí a pouco, Julião avisa a Sebastião que ela estava perdida. Dona Felicidade quer chamar um padre. O médico não concorda, mas ela vai falar com Jorge, que se espanta e se desespera: será que adianta pensar em Deus e religião? Ele merecia aquilo que Deus lhe mandava? Deus era justo?

A casa se agita, desorganizada; todos se mexem sem saber o que fazer. Julião faz lembrar a todos que há muito tempo não comiam. Vão todos comer uma sopa preparada por uma Joana chorosa. Jorge senta-se, não toca na comida; levanta-se e vai até o quarto. Atira-se de joelhos ao lado da cama e suplica a Luísa que melhore, levanta as mãos para o céu e pede a Deus que salve a sua esposa. Toca a testa de Luísa e acha-a muito fria. Corre desesperado para fora do quarto e encontra-se com o Doutor Caminha, que voltava para ver a paciente. Diz ao Doutor que ela parece morta.

Os dois médicos concordam que não há mais nada a fazer, mas Julião sugere ao descrente Doutor Caminha que tentem dar a ela uma dose de conhaque para “reativar o cérebro”. Tentam este último recurso, mas é em vão. O Doutor despede-se de Jorge dizendo que Luísa estava nas mãos de Deus. Jorge volta para o quarto e ajoelha-se ao lado da cama, assistindo sua mulher morrer. Dona Felicidade e Joana rezam. O Conselheiro Acácio chega para solidarizar-se. É a hora do crepúsculo.

No quarto, pouco depois, Julião faz gestos indicando a Sebastião que ela está nas últimas. Sebastião retira Jorge do quarto. Na sala, o marido abre a caixa onde estão os cabelos cortados de Luísa. Volta para o quarto, mas Julião não quer que ele se aproxime do leito. Não lhe diz nada, mas Luísa está morta. Jorge aproxima-se, beija Luísa e desmaia.

Capítulo XVI

No dia seguinte, depois do enterro, Jorge despede as empregadas e vai para a casa de Sebas-tião.

Em uma das ruas da cidade, Julião e o Conselheiro se encontram. Comentam a morte de Luísa e o Conselheiro diz ao amigo que compusera o necrológio dela. Entram os dois em um café para que o Conselheiro possa ler o escrito para Julião. Enquanto lê, irrita-se porque é interrompido o tempo todo por um homem que fala alto com o balconista, pedindo informações. Como tudo o mais que o Conselheiro Acácio escreve, o necrológio é um amontoado de lugares-comuns. Saindo do café, Julião conta ao Conselheiro que Dona Felicidade entrara para um convento. Brinca, dizendo que isso acontecera porque ela também descobrira, como ele, que Acácio tinha dois travesseiros na cama e, sem dar tempo para respostas e rindo muito, deixa-o plantado na rua. O Conselheiro retorna para casa para terminar, antes de dormir, o necrológio de Luísa. Enquanto escreve, é chamado para a cama por sua concubina, Adelaide. Vai deitar-se satisfeito com sua produção.

Nesse mesmo momento, estão chegando a Lisboa Basílio e o Visconde Reinaldo. O Visconde chega maldizendo as estradas e as companhias de viagem do país Só voltara porque tinha uma última propriedade

para vender. No hotel, tudo lhe parece um chiqueiro, a única qualidade de Portugal parecia ser oferecer motivos de sobra para que ele pudesse falar mal com muita ironia do país. Basílio volta para fechar negócios. Durante toda a viagem, lembrara-se de Luísa com uma ponta de saudade e de desejo. Reinaldo brinca com ele.

No dia seguinte, Basílio vai à casa de Luísa. Encontra-a fechada. O Paula da loja de móveis, interrogado por ele, diz-lhe que Luísa morrera e que poderia encontrar Jorge na casa de Sebastião, logo abaixo. Basílio estremece com a notícia e despede-se logo. Sequer pensa em ir ver Jorge! Os vizinhos fofocam sobre a falta de consideração do parente de Luísa. Todos dizem que rezam por ela à noite, menos Paula, que é radicalmente contra a Igreja e sente-se um tanto amargo com a desgraça que acontecera na rua. Enquanto as vizinhas conversam, diz-lhes:

– Sabem o que isto é? Sabem o que tudo isto é? – Fazia um gesto que abrangia o Universo. Fitou-as de um modo irado, e rosnou esta palavra suprema:

– Um monte de estrume!

Basílio vai encontrar Reinaldo e conta-lhe da morte de Luísa. O Visconde não se impressiona, mas respeitosamente lamenta o ocorrido. Os dois amigos saem a passear falando da prima de Basílio. O Visconde não entende como o amigo pôde se ligar a uma mulher tão grossa. Basílio diz que ela era uma grande distração em uma cidade como Lisboa. Agora estava sozinho, sequer trouxera sua amante francesa...

E foram os dois tomar Xerez.

Personagens

As personagens de *O Primo Basílio* são todas construídas de acordo com os modelos da escola naturalista, isto é, o homem é o resultado do meio em que vive, do seu tempo e de sua raça. No caso específico desse romance, as personagens são resultado da sociedade pequeno-burguesa decadente da cidade de Lisboa, Portugal. Por esse motivo, como veremos, todas elas acabam por nos parecer um pouco superficiais

Luísa

A personagem principal e protagonista da história é Luísa, moça da pequena burguesia portuguesa. Nela podemos encontrar a primeira diferença entre o romance de Eça de Queirós e o de Flaubert. Em *Madame Bovary*, também temos uma mulher infiel, Ema Bovary, no centro da narrativa. Mas, ao contrário do que acontece em *O Primo Basílio,* Ema é uma mulher de caráter extremamente forte, enquanto a principal característica de Luísa é justamente a falta de caráter (atenção: não é uma mau-caráter, mas uma a que falta *qualquer* caráter). Luísa simplesmente parece não ter personalidade. Namora Basílio por pouco tempo e parece apaixonada por ele mas, assim que ele parte para o Brasil e termina o namoro, basta uma temporada de férias para que se esqueça do seu amor. Casa-se com Jorge, nas palavras de Sebastião, "no ar, um bocado no ar!". Deixa-se seduzir por Basílio para o adultério, levada por fantasias que criara com a leitura de livros românticos que contavam casos de amor extraordinários, completamente fora de sua realidade. Não tem força de vontade para se opor às vontades de Basílio. Vive sempre entre o arrependimento e um desejo que parece "inventado". Deixa-se dominar totalmente por Juliana, sem coragem para tomar qualquer atitude efetiva que lhe permita recuperar as cartas. Luísa nunca tem força de vontade ou capacidade de decidir. É a típica personagem que chamamos *plana*, isso é: que não tem complexidade psicológica (diferente do caso de Ema Bovary, do romance de Flaubert) e que não evolui, não apresenta progresso ao longo de toda a história, é sempre a mesma. Mas será que a culpa dessa fragilidade da personagem é dela mesma? Não. Na verdade, Luísa é o resultado de sua criação, do meio em que vive. Ela é o maior exemplo do quanto é superficial o mundo em que vive, do quanto as relações sociais em que está inserida são falsas, porque estão baseadas apenas na aparência.

Todas as outras personagens ao redor de Luísa, do seu mesmo meio social (a pequena burguesia da capital portuguesa), também são planas, isto é, vão apresentar essa mesma falta de complexidade psicológica.

Também personagens essenciais, pois estão envolvidas diretamente na trama principal do adultério, são Basílio e Jorge:

Basílio

Basílio de Brito, o primo de Luísa, que irá seduzi-la, não passa de um falso aristocrata, um aventureiro premiado pela sorte, que conseguiu enriquecer na América do Sul. Basílio quer fazer o tipo fino e elegante, conhecedor dos hábitos e dos vícios da aristocracia, mas sua vulgaridade é facilmente perceptível em seu gesto característico de enfiar a mão no bolso da calça e fazer tilintar chaves e moedas. O seu envolvimento mesmo com Luísa denuncia o quanto ele é "nobre de fachada". O seu amigo realmente nobre, Visconde Reinaldo, não entende como Basílio pode se envolver com uma burguesinha como Luísa.

Jorge

O marido de Luísa, é o pacato pequeno-burguês. Engenheiro e chefe de família exemplar, que não tem mais ambição na vida que uma existência calma, controlada por boas regras de comportamento, por uma situação estável. Do ponto de vista moral é um conservador, o que aparece muito bem na sua atitude de defender a morte para as esposas em caso de adultério, no início do livro. No fundo não passa de um fraco acomodado:

quando se trata de ele mesmo colocar em prática suas atitudes enérgicas, ao descobrir o adultério de Luísa, treme e acaba mudando sua opinião.

Como personagens secundárias, isto é, de menor importância para o desenvolvimento da história, podemos citar os amigos de Jorge e Luísa que participam das reuniões domingueiras em sua casa (Conselheiro Acácio, Dona Felicidade de Noronha, Julião Zuzarte, Ernestinho Ledesma, Sebastião). São *caricaturas* de tipos da sociedade portuguesa.

Conselheiro Acácio

O burocrata, o homem dado a formalidades, cuja inteligência não vai além da embalagem de idéias banais, de clichês, em frases pomposas, cheias de palavras difíceis ou raras. Apresenta-se como o maior defensor dos bons costumes e da moral, mas vive em sua casa com uma empregada que dorme com ele todas as noites.

Dona Felicidade

É a solteirona bem de vida que passa o tempo cuidando de sua imagem social entre as amigas e visitando igrejas. Não passa de uma beata com todos os desejos reprimidos. É apaixonada pelo Conselheiro Acácio e faz de tudo para que ele lhe dê atenção. Sofre de problemas de estômago (gases) que sempre lhe trazem desconforto. Fora amiga da mãe de Luísa, daí sua amizade com esta.

Julião Zuzarte

Um médico fracassado. Parente distante de Jorge, é admirado por ele por causa de sua inteligência e senso crítico. Anda sempre com roupas sujas e velhas e cheio de caspa. É sempre muito cínico nos seus comentários e “revolucio-nário” em suas idéias. Na verdade é um despeitado com o sucesso alheio: não suporta ver pessoas que são menos inteligentes que ele subirem na vida.

Ernestinho Ledesma

Primo de Jorge. Magro, pequeno, está sempre correndo e com cara de cansaço, com os bolsos cheios de papel. É a figura do escritor “romântico”, escreve histórias “água-com-açúcar”. É o autor do drama *Honra e Paixão*, que conta uma história de adultério.

Sebastião

“O bom Sebastião, o Sebastiarrão”, é amigo de Jorge desde a infância. É um homem muito forte e muito tímido, bom tocador de piano e plantador de rosas; um amigo para todas as horas, como irá provar no final da história.

Leopoldina de Quebrais

Amiga de infância de Luísa. Fez um casamento infeliz e é conhecida em toda Lisboa por “Pão-e-Queijo”, por causa da sucessão de amantes que teve e continua tendo ao longo de seu casamento. Jorge detesta-a. Luísa vê nela uma espécie de heroína de romances, sempre à procura de seu grande amor.

Há ainda toda uma lista de personagens secundárias, que apenas compõem o cenário para a trama: a Tia Vitória (inculcadeira de Juliana); a boa cozinheira Joana e seu amante Pedro. Os vizinhos fofoqueiros de Jorge e Luísa: o Paula, patriota e inimigo da Igreja; a carvoeira, a estanqueira e outros; a Tia Joana (que morava com Sebastião); o banqueiro Castro (apaixonado por Luísa e que leva uma surra de chicote dela); o Visconde Reinaldo (amigo de Basílio); e muitos outros com rápidas aparições, com quase nenhuma importância.

Juliana Tavira Couceiro

Uma personagem que deveria ser considerada secundária, mas que se destaca de todas as que citamos acima, pela importância que progressivamente adquire na narrativa, é a criada de Luísa, *Juliana Tavira Couceiro*. Juliana servia como empregada desde muito jovem e nunca se acostumara a esse tipo de trabalho, aos mandos e desmandos das suas patroas, à sua vida demasiadamente pobre. É uma figura extremamente feia e mal-humorada, que nunca teve um namorado e cujas únicas satisfações na vida se resumem em comprar bons pares de botinhas para enfeitar os seus bonitos pés e xingar as suas patroas de "récua de cabras". Quando vai trabalhar para Luísa, está já com a saúde debilitada e não tem mais nenhuma esperança de mudar de vida, até que começa o caso de Luísa com Basílio e ela se apodera das cartas. Impossibilitada de conseguir com Luísa o dinheiro para garantir o seu fim de vida tranqüilo, vai descontar na sua ama (Luísa, ou a "piorrinha", como ela a chama) todo o seu ódio acumulado. Foi o escritor brasileiro Machado de Assis quem primeiro chamou a atenção para o fato de Juliana ter o caráter mais bem construído do livro. Na verdade, é uma personagem construída dentro dos moldes naturalistas, como todas as outras da narrativa, mas cuja história consegue nos convencer. Talvez pelo fato de, ao contrário de quase todas as outras personagens importantes, não pertencer ao grupo social que Eça de Queirós está enfocando (a pequena burguesia lisboeta). Juliana é uma pessoa muito simples, que não teve oportunidades na vida. Daí ser mais fácil aceitar o determinismo social como algo que justifica os seus atos.

Foco narrativo

A história de *O Primo Basílio* é contada em terceira pessoa por um narrador onisciente, isto é, um narrador que tudo sabe do que aconteceu na história. Mais especificamente, temos o que os críticos literários costumam chamar de um narrador onisciente "intruso" ou "divino", que tem a liberdade de penetrar nos sentimentos das personagens e de fazer comentários sobre a psicologia e a moral delas. Como vê tudo de uma posição privilegiada, também faz o uso que quiser do tempo e do espaço da narrativa. É o tipo de narrador preferido da escola realista-naturalista, à qual o romance pertence. Como maneira de assegurar a "onipotência" desse narrador e ao mesmo tempo fazer com que a história convença o leitor, os realistas-naturalistas normalmente adotam o uso do tempo verbal no pretérito, assim os fatos são narrados produzindo uma ilusão de verdade. Esse é também o tempo adotado n' *O Primo Basílio*.

Na fronteira entre foco narrativo e uso da linguagem, e relacionado ainda ao uso do pretérito, está o uso que Eça de Queirós faz do *discurso indireto livre*, isto é, do discurso que reproduz com fidelidade os momentos psicológicos que as personagens estão vivendo. O narrador de Eça tem uma absoluta capacidade de mudar de assunto ou de mudar a própria voz que está falando, "entrando e saindo" das personagens, dando-lhes a voz para expressarem os seus pensamentos e retirando-a para prosseguir a narrativa. Veja o trecho abaixo, em que Juliana está curiosa para saber onde Luísa e Dona Felicidade estão indo passear à noite:

"Um pouco antes das nove horas uma carruagem parou à porta. Era Dona Felicidade, muito encalmada. Abafara todo o dia! E à noite nem uma aragem! Até tinha mandado buscar uma carruagem descoberta, que num *coupé*[4], credo, morria-se.

Juliana pelo quarto arrumava, dobrava, toda curiosa. Onde iriam? Onde iriam? Dona Felicidade, amplamente sentada, de chapéu, tagarelava; uma indigestão que tivera na véspera com umas vagens; a cozinheira que a tinha querido 'comer' em quatro vinténs; uma visita que lhe fizera a Condessa de Arruela...

Enfim, Luísa disse, baixando o seu véu branco:

–Vamos, filha. Faz-se tarde.

Juliana foi-lhes alumiar, furiosa. Olha que despropósito, irem duas mulheres sós por aí fora, numa tipóia! E se uma criada então se demorava na rua mais meia hora, credo, que alarido! Que duas bêbedas!"

4 *Coupé* - carruagem fechada. Eça de Queirós está constantemente utilizando termos estrangeiros, principalmente em francês e inglês, nas suas obras; seja para designar objetos cujos nomes não têm correspondência em português, seja na fala de personagens caricatos - como é o caso, n' *O Primo Basílio*, do Visconde Reinaldo, o amigo aristocrata e cosmopolita de Basílio, que vive usando termos franceses, ingleses e até espanhois.

Tempo e espaço

Toda a ação da narrativa se passa na cidade de Lisboa. A cidade é representada com suas ruas, onde muitas vezes as personagens se encontram, seus bairros ricos e pobres, seu Passeio Público. Os lugares onde a narrativa mais se desenvolve são a casa do engenheiro Jorge, na periferia da cidade, e o *Paraíso*, o "ninho de amor" de Basílio e Luísa. Há também um passeio que Luísa e Basílio fazem ao campo (nos arredores de Lisboa) e referências à região do Alentejo (para onde Jorge parte em viagens de negócios) e aos lugares que Basílio conhecera em suas viagens (a Bahia, Jerusalém, Paris). Como veremos mais adiante, quando analisarmos a linguagem e o estilo, nesse livro Eça de Queirós apresenta os espaços, tanto os ambientes fechados quanto as paisagens ao ar livre, com grande competência, demorando-se muitas vezes em descrições que enriquecem muito o romance.

Essa demora nas descrições é importante também no fluxo do tempo da narrativa. Nos momentos mais *impressionistas*[5] da obra, em que os sentimentos das personagens se confundem com o ambiente, o tempo parece ficar como que "suspenso", tornando o ritmo da narrativa artificialmente lento. Dizemos "artificialmente" lento porque, na verdade, toda a ação se passa em pouco tempo. A história inicia em julho, com a partida de Jorge para o Alentejo. O adultério acontece durante a passagem do verão. Jorge retorna para Lisboa em outubro, portanto apenas quatro meses depois. A carta que Basílio escreve para Luísa (e que Jorge abre, descobrindo o adultério), em resposta ao seu pedido (feito também por carta, poucos dias antes da volta de Jorge a Lisboa) de dinheiro para comprar as cartas que Juliana roubara, diz que ele só responde com "dois meses e meio" de atraso, porque, como estivera em viagens, não havia recebido a carta rapidamente. Por este raciocínio, podemos dizer que toda a ação das quase 300 páginas do livro acontece em um período de seis meses.

É importante notar também que o autor é bastante minucioso no registro da passagem do tempo, narrando tudo o que se passa com o uso constante, até um pouco exagerado, de expressões como: "no dia seguinte", "no outro dia", "por estes dias", "poucos dias depois", "logo à tarde", "naquela noite". Outra característica temporal é o uso da ténica do *flashback*, suspensões temporárias da narrativa para que se conte alguma coisa importante do passado que tenha relação com o presente da história. São narrados dessa maneira o namoro antigo de Luísa com Basílio, a longa amizade entre Sebastião e Jorge e a vida sofrida de Juliana.

Observe que os pontos de interrogação e exclamação marcam, na verdade, falas e pensamentos de Dona Felicidade ou de Juliana, e não do próprio narrador.

5 O Impressionismo foi um tipo de manifestação artística que ocorreu dentro da escola realista; consistia em manifestar as sensações (ou impressões) tal como elas eram instantaneamente sentidas pelo espírito. No caso de Eça, podemos dizer que o seu impressionismo consiste em fazer coincidir o estado de espirito das personagens com o espaço onde elas estão.

Linguagem

Em qualquer estudo escolar sobre Eça de Queirós que você tenha lido até hoje, deve ter encontrado a afirmação de que ele é um dos maiores estilistas da língua portuguesa. O que exatamente significa isso? Significa que Eça de Queirós talvez tenha sido o mais importante escritor portu-guês do ponto de vista da qualida-de da linguagem que utiliza. Eça de Queirós influenciou decisivamente a maneira de escrever em português de todos os que vieram depois dele; a ele devemos muito das capacidades de expressão da nossa língua. Mas de onde vem essa importância? Vem principalmente do fato de ele ter *modernizado* a língua portuguesa, se o compararmos com os escritores que vieram antes dele. Mas modernizado como e com que recursos? Isso podemos responder analisando algumas das técnicas estilísticas utilizadas por ele em *O Primo Basílio*.

Uma dessas técnicas, que já citamos acima, é sua capacidade *impressionista* de descrever o espaço da narrativa, os ambientes, as personagens. Veja por exemplo esta descrição de um entardecer na rua, visto por Luísa da janela de sua casa:

"O vento caíra e o ar, de um azul forte nas alturas, estava imóvel; a poeira grossa pousara; a tarde tinha uma transparência calma de luz; pássaros chilreavam na figueira brava; da serralheria próxima saía o martelar contínuo e sonoro de folhas de ferro. Pouco a pouco o azul desbotou; sobre o poente, laivos de cor de laranja desmaiada esbateram-se como grandes pinceladas desleixadas. Depois tudo se cobriu de uma sombra difusa, calada e quente, com uma estrelinha muito viva que luzia e tremia".

Ou esta descrição de Luísa em cena no *Paraíso*:

(Basílio) **Tomou um gole de champanhe e num beijo passou-o para a boca dela. Luísa riu muito, achou "divino": quis beber mais assim. Ia-se fazendo vermelha, o olhar luzia-lhe.**

Tinham tirado os pratos da cama; e sentada à beira do leito, os seus pezinhos calçados numa meia cor-de-rosa pendiam, agitavam-se, enquanto um pouco dobrada sobre si, os cotovelos sobre o regaço, a cabecinha de lado, tinha em toda a sua pessoa a graça lânguida de uma pomba fatigada.

Esse recurso permitirá a Eça modelar os ambientes de acordo com o estado de espírito de cada personagem. Assim, no primeiro exemplo, Luísa acabou de despedir-se de Basílio, que fora visitá-la pela primeira vez, e a vida lhe parece uma brisa, está feliz de rever o ex-namorado, foi cortejada por ele, sente-se tranqüila, tudo são amenidades. No segundo exemplo, Luísa e Basílio estão se amando, passam uma tarde maravilhosa, talvez o seu melhor dia no *Paraíso*. Não é só Luísa que está sensual, todo o clima respira sensualidade.

A comparação de Luísa a uma "pomba fatigada", no final do segundo exemplo acima, permite-nos falar de outra das características da linguagem de Eça: o uso de comparações arrojadas, que surpreendem pela invenção e pela clareza, pelo fácil entendimento que despertam no leitor, de maneira inteligente. Como, por exemplo, quando vai resumir a decepção de Luísa com *o Paraíso*. Ela esperava um ambiente luxuoso, excitou-se durante todo o tempo em que se encaminhava para o lugar que Basílio indicara, mas quando encontra um barracão, todos os seus sonhos vão por água abaixo: "Assim um iate que emparelhou nobremente para uma viagem romanesca vai encalhar, ao partir, nos lodaçais do rio baixo; e o mestre aventureiro, que sonhava com os incensos e os almíscares das florestas aromáticas, imóvel sobre o seu tombadilho, tapa o nariz aos cheiros dos esgotos".

Ou quando mostra Luísa pensando na besteira que fora o adultério e na falsidade dos seus sentimentos por Basílio: "Mas então!... e como uma pessoa que destapa um frasco muito guardado, e se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o seu coração vazio". E quando Basílio diz a nossa heroína que não irá fugir com ela, como ela pretendia: "Aquelas palavras caíam sobre os planos de Luísa como machadadas que derrubam árvores".

Por último, devemos falar da capacidade de mestre que Eça de Queirós tem de construir caricaturas, de por meio de poucas linhas transmitir-nos todas as características físicas e de caráter de uma personagem qualquer. Como vimos acima, no estudo das personagens, há várias caricaturas em *O Primo Basílio*, mas uma é especial, porque é a mais bem-acabada da obra de Eça de Queirós, e de tão famosa que ficou, entrou para o dicionário:

acaciano. *Adj. 1. Ridiculamente sentencioso pelo tom convencional e vazio de sentido e/ou pela aparatosa gravidade das maneiras, lembrando o Conselheiro Acácio, personagem eciano do romance* O Primo Basílio. *S. m. 2. Indivíduo acaciano; acácio.*

acácio. *S.m. 1. Acaciano. 2. Bobo, tolo, pacóvio.*

O Conselheiro Acácio virou sinônimo de conversa cheia de palavras pedantes e lugares-comuns que nada dizem. Veja a descrição que Eça faz dele:

Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até a calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabelos que de uma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca – e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Era muito pálido, nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio.

Fora, outrora, diretor-geral do ministério do reino, e sempre que dizia – El Rei! – erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais; não dizia *vomitar*, **fazia um gesto indicativo e empregava** *restituir*. **(...)**

Por todas essas características do estilo de Eça de Queirós é que ele é considerado um revolucionário da língua portuguesa. Por isso, a leitura de seus livros é uma festa para quem gosta de textos bem escritos, e como aconselharia o próprio Conselheiro Acácio, não devemos perder a oportunidade de nos fartarmos com a excelência escritural deste imortal da língua pátria.

Interpretação

Já falamos, quando tratamos da estrutura da obra, que *O Primo Basílio* teria sido inspirado no romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. De fato, o tema dos dois romances é o mesmo, o adultério; as condições que possibilitam o adultério também. Ema e Luísa tiveram ambas uma formação moral e cultural pouco sólida e muito ligada ao romantismo mais irreal. Ambas, ainda, encontram-se em uma situação de solidão propícia à infidelidade. Ambas se apaixonam por homens que encarnam um ideal de beleza. E muitas cenas do livro de Eça parecem "inspiradas" em *Madame Bovary:* a amante olhando-se ao espelho, logo após o adultério se consumar; a proposta de fuga da amante para o homem e a recusa dele; a morte agonizante da esposa infiel no final do livro. Ora, Eça de Queirós nunca deixou de assumir que Flaubert era um de seus modelos literários, e é difícil deixar de concordar com os que acusam Eça de ter se aproveitado do livro do escritor francês como modelo. Mas daí a dizer que *O Primo Basílio* é um plágio de *Madame Bovary* vai uma distância muito grande.

Em primeiro lugar, o que caracteriza *Madame Bovary* é o fato de que é um romance cuja preocupação principal é desvendar o lado psicológico das personagens. Em *O Primo Basílio*, como vimos acima, o interesse central é mostrar um grupo social: a família burguesa de lisboa. Essa diferença é fundamental para o entendimento e a valorização do livro de Eça: *O Primo Basílio* tem pleno sucesso no seu objetivo de mostrar a fragilidade e o ridículo da família burguesa como Eça de Queirós a vê.

Em segundo lugar, em vez de falar em plágio, seria muito mais válido falar em "diálogo" entre as obras, ou, para usar um termo da crítica literária moderna, em *intertextualidade*. A defesa dessa interpretação nos parece muito fácil, por vários motivos. Um deles é que o próprio Eça de Queirós nunca escondeu que a literatura portuguesa, na sua opinião, devia muito às literaturas européias: "A nossa arte e a nossa literatura vêm-nos feitas da Europa, pelo paquete, e custam-nos caríssimo com os direitos da alfândega. Eu mesmo não mereço ser excetuado da legião melancólica e servil dos imitadores".

Outro motivo é que, no livro mesmo, o narrador coloca pelo menos uma situação de comparação direta da história de Luísa com outra obra literária: quando Sebastião vai aconselhar-se com Julião a respeito das freqüentes visitas que Luísa vem recebendo do primo Basílio, lembrando que eles eram antigos namorados, Julião exclama: "– Mas isso é o enredo da *Eugênia Grandet*, Sebastião! Estás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a *Eugênia Grandet*![6]"

Essa comparação que espertamente Eça coloca dentro da obra, entre o seu livro e o famoso livro de Balzac, parece mesmo uma antecipação às críticas de plágio que poderia receber, como de fato recebeu. Por exemplo, por meio da crítica do brasileiro Machado de Assis.

Mas não só com obras literárias que tratam do tema do adultério o romance dialoga; o autor também vai aproveitar obras de outros tipos de manifestações artísticas para tornar o tempo todo presente na narrativa o tema do adultério e da sedução. Veja-se: o destaque da decoração da sala da casa de Luísa e Jorge são dois grandes quadros com gravuras (*A Medéia*, de Eugène Delacroix, e *Uma Mártir no Tempo de Diocleciano*, de Paul Delaroche[7]) que retratam ambos mulheres em situações de violência, o que é bem apropriado para uma casa de boa família em que o marido defende, em reuniões sociais, a morte para esposas infiéis... Em uma cena do capítulo IX, poucos dias antes de Jorge voltar, estão reunidos em casa de Luísa os amigos da família e Julião começa a folhear um livro ilustrado que atrai a atenção de Dona Felicidade e logo se torna o motivo da conversa. É a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, ilustrada por Gustave Doré[8]: acontece que Julião está olhando o livro justamente em uma parte em que há a narração e ilustração do romance de Paolo e Francesca de Rímini, em que também há um caso de adultério e morte da esposa infiel. Outra obra artística aproveitada por Eça é a ópera *Fausto*, de Gounod[9]: nessa ópera há uma ária que antecede uma cena em que Fausto seduz Margarida. Pois bem. Logo depois que Basílio seduz Luísa, ele vai ao piano e canta. Justamente essa ária. Quando Sebastião arma para que Luísa e Jorge passem a noite no teatro e assim ele possa recuperar as cartas que estão com Juliana, o que o casal vai ver? O *Fausto* de Gounod.

Logo, condenar Eça de Queirós porque usou um modelo para escrever *O Primo Basílio* seria condená-lo porque soube se utilizar de uma porção de modelos que contam histórias de sedução e adultério. Mas para

6 Honoré de BALZAC (1799-1850) é o autor de uma série de romances sobre a sociedade francesa do século passado, reunidos sob o título de *A Comédia Humana*. *Eugênia Grandet* (1833) é um dos mais famosos dos seus livros e também tem por tema um adultério.

7 Eugéne Delacroix (1798-1863) foi um dos líderes da escola romântica de pintura na França. Paul Delaroche (1797-1856) também era pintor romântico e francês, mas sua obra tem bastante influência dos clássicos.

8 DANTE Alighieri (1265-1321) foi o mais importante escritor da Europa durante a Idade Média, sua obra *A Divina Comédia* divide-se em três partes (Inferno-Purgatório-Paraíso) e narra a peregrinação do poeta por esses lugares à procura da sua amada Beatriz. Dante é considerado um dos pais da língua italiana. Dante, em seu passeio, encontra as almas de Paolo Malatesta e Francesca de Rímini, personagens de uma trágica história de amor, no Segundo Círculo do Inferno, onde estão os condenados pelo pecado da luxúria.
Paul-Gustave DORÉ (1833-1883) era francês. Desenhista e pintor, ilustrou vários clássicos da literatura.

9 Charles GOUNOD (1515-1566/1568 (?)) - compositor romântico francês. Gounod aproveitou do famoso *Fausto* de Goethe (1749-1832 - o mais famoso poeta alemão) apenas o episódio que conta os amores de Margarida e Fausto; Fausto faz um pacto com o diabo e seduz Margarida; ela engravida, mata a criança assim que nasce, é presa por isso e morre; o irmão de margarida, Valentin, também acaba morrendo por causa da desonra da irmã.

um tema tão comum na história da arte não seria um tanto exagerada tal condenação? Aliás, o próprio Eça parece brincar um pouco com o tema e com a exploração dele pela literatura. Luísa vê o seu caso com Basílio com os olhos de leitora de livros românticos, que colocam o adultério como algo heróico, como a busca de uma paixão da qual é impossível fugir. Além disso, é brilhante a introdução no enredo do romance da história da peça que a personagem Ernestinho está escrevendo, *Honra e Paixão*, e que também trata, de uma maneira muito romântica, do adultério. No início do livro, logo no capítulo II, discute-se na reunião de domingo na casa de Jorge e Luísa se a heroína da peça, uma mulher infiel, deve ser morta ou não. Jorge exige do seu primo Ernestinho que mate de qualquer maneira a infeliz. No final do livro, no capítulo XIV, estão todos reunidos novamente em casa de Jorge e Luísa e discutindo o sucesso da estréia da peça de Ernestinho. Lembram-se de que Jorge (que já sabia do adultério da sua própria esposa) havia defendido a morte da heroína, sendo que Ernestinho resolvera mantê-la viva no final. Jorge então, contrariado, assume, sem discutir, que havia mudado de idéia... Além disso tudo, é impressionante como se fala de adultério em *O Primo Basílio*: em todas as cenas de ruas, cafés ou teatro, quando se conversa sobre alguma coisa, é sempre sobre adultério. Parece que as pessoas não fazem outra coisa na vida senão se preocupar em trair seus pares ou então em fofocar sobre traições de conhecidos e desconhecidos.

Desenho de Bordalo para O Primo Basílio

Mas o que poderá estar por trás de tanta insistência? Ora, talvez Eça de Queirós esteja querendo nos dizer que, no fundo, o mais importante do livro não é o adultério em si, que é um tema banal, mas as circunstâncias que rodeiam o adultério de Luísa, o meio social em que ela vive, que é tratado e retratado o tempo todo ao longo de todas as páginas do livro.

Paolo e Francesca, de Rimini Gustave Doré

Biografia do autor

José Maria Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, perto do Porto. Em 1865, estudando Direito em Coimbra, participa ao lado de Antero de Quental e Teófilo Braga da célebre polêmica com o poeta romântico Antônio Feliciano de Castilho, em que atacavam o Romantismo e defendiam idéias realistas. Em 1866, já formado, começa sua atividade de jornalista. Em 1871 ao lado de amigos de universidade que haviam fundado o *Cenáculo* – reunião de antigos colegas para discussões intelectuais – participa das Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense, onde se discutiu (enquanto a polícia permitiu, pois logo as conferências foram proibidas) a sociedade e a história portuguesas à luz das modernas idéias que corriam pela Europa. Em 1872 entra para o serviço diplomático e vai para Cuba; em 1874 é transferido para Londres; em 1889 vai para Paris. Em 1900, durante viagem pela Europa com seu amigo Ramalho Ortigão, sente-se mal na Suíça e volta para Paris, onde morre a 16 de agosto.

A obra de Eça de Queirós pode se dividir em três fases, de acordo com os críticos portugueses António José Saraiva e Oscar Lopes.

A primeira fase compreende seu trabalho jornalístico inicial, reunido depois de sua morte no livro *Prosas Bárbaras*, e o romance escrito a quatro mãos com Ramalho Ortigão, *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870). Há uma condenação do Romantismo como ideal artístico e uma defesa da arte engajada, mas suas principais influências são ainda românticas.

A segunda fase é a da produção de suas melhores obras, influenciadas pelo Realismo-Naturalismo, e compõe um grande retrato da sociedade portuguesa de sua época, no qual analisa os defeitos das instituições e classes sociais que considerava responsáveis pelo atraso da sua pátria: o clero hipócrita e conservador, a aristocracia rural acomodada, a burguesia irresponsável e gananciosa, os meios intelectuais e artísticos artificiais e intrigantes. Pertencem a essa fase o romance que marcou o início da escola literária realista em Portugal, *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878) e várias outras obras.

A terceira fase é uma fase de acomodação. Eça já não mais pretende sustentar tantas polêmicas e dedica-se a escrever livros que inclusive são uma louvação às tradições e à paisagem portuguesa, como é o caso, principalmente, de *A Cidade e as Serras*. Do ponto de vista estilístico, observa-se muito mais em suas obras desta terceira fase uma tendência para o impressionismo que para o realismo-naturalismo.

O Primo Basílio, livro da segunda fase do escritor, pertence a um ciclo de obras que foi projetado pelo autor, mas nunca oficialmente iniciado e efetivamente terminado, que seriam as *Cenas da Vida Portuguesa*, cuja ambição, nas palavras do próprio autor, era "pintar a sociedade portuguesa (...) e mostrar-lhes como num espelho, que triste país eles formam - eles e elas". *O Primo Basílio*, como parte dessas cenas, deveria tratar da família, mostrar seus vícios e sua falta de estrutura, mas o interesse não era atacar a família enquanto instituição necessária ao bom funcionamento da sociedade, e sim (ainda com as próprias palavras de Eça) "a família lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata[10]".

Nesse projeto de Eça de Queirós podemos ver muito claramente a figura do escritor realista empenhado em entender a realidade de seu tempo e agir sobre a sociedade em que vive. De fato, Eça era um adepto do Realismo com muitas influências naturalistas na sua maneira de compor, o que equivale a dizer, no caso de *O Primo Basílio*: se há um problema (o adultério), ele deve ser mostrado e suas causas, apontadas: a falta de educação moral e de ocupação útil, aliadas ao excesso de sentimentalismo de Luísa; a vaidade e o mau-caráter burguês de Basílio; a fraqueza envernizada de responsabilidade e disciplina moral de Jorge; o círculo de amizades superficial e artificial do casal-modelo da sociedade lisboeta. Este "jogo" naturalista de causas-conseqüências, típico dos "romances de tese[11]", muito comuns no Realismo, é uma constante em toda a obra, o que – como já observamos mais acima quando tratamos da construção das personagens – enfraquece um pouco a narrativa.

10 Bambochata - é um tipo de pintura em que se representam banquetes populares ou cenas ridiculamente cômicas; em sentido figurado, uma coisa ridícula.

11 Romance de Tese é aquele em que, como o próprio nome diz, o escritor quer provar uma tese; no caso desse livro de Eça de Queirós, a tese de que a família lisboeta, por sua falta de estrutura, favorece o adultério.

Outro traço naturalista facilmente observável no livro é um certo exagero na caracterização das personagens pobres, as quais, exceto Juliana, são todas bastante secundárias na obra, feita de uma maneira um tanto depreciativa. Assim, por exemplo, a sexualidade dos pobres é sempre comparada à dos animais (como é o caso da cozinheira Joana e de seu namorado) e mal pode aparecer um velho pobre em cena para imediatamente começar a escarrar para todos os lados (como é o caso do Paula, vizinho de Jorge, ou do Sr. Gouveia, o escriturário da Tia Vitória).

Autocaricatura de Eça de Queirós

Textos para leitura

CAPÍTULO III

(Depois de receber a primeira visita de Basílio, Luísa fica pensando na vida que o seu primo levava comparada à sua)

– Que vida interessante a do primo Basílio! – pensava. – O que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer as suas malas, partir, admirar aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! Como desejaria visitar os países que conhecia dos romances – a Escócia e os seus lagos taciturnos, Veneza e os seus palácios trágicos; aportar às baías, onde um mar luminoso e faiscante morre na areia fulva; e das cabanas dos pescadores, de teto chato, onde vivem as Grazielas, ver azularem-se ao longe as ilhas de nomes sonoros! E ir a Paris! Paris sobretudo! Mas qual! Nunca viajaria, decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta!

CAPÍTULO V

(Basílio consegue, finalmente, seduzir Luísa)

Teve um sobressalto; não podia ser ainda Juliana! Pôs-se a escutar, assustada. Vozes falavam à cancela.

– Minha senhora – veio dizer Joana baixo – é o primo da senhora que diz que se vem despedir...

Abafou um grito, balbuciou:

– Que entre!

Os seus olhos dilatados cravavam-se febrilmente na porta. O reposteiro franziu-se; Basílio entrou, pálido, com um sorriso fixo.

– Tu partes! – exclamou ela surdamente, precipitando-se para ele.

– Não! – E prendeu-a nos braços – Não! Imaginei que me não recebias a esta hora, e tomei este pretexto.

Apertou-a contra si, beijou-a; ela deixava, toda abandonada; os seus lábios prendiam-se aos dele. Basílio deitou um olhar rápido, em redor pela sala, e foi-a levando abraçado, murmurando: Meu amor! Minha filha! Mesmo tropeçou na pele de tigre, estendida ao pé do divã.

– Adoro-te!

– Que susto que tive! – suspirou Luísa.

– Tiveste?

Ela não respondeu; ia perdendo a percepção nítida das coisas, sentia-se como adormecer. Balbuciou: Jesus! Não! Não! Os seus olhos cerraram-se.

CAPÍTULO VI

(Luísa começa a ter sérias dúvidas sobre o amor de Basílio por ela...)

Ultimamente mesmo, quando ela entrava no *Paraíso*, **já não tinha a delicadeza amorosa de se levantar alvoroçado; sentava-se apenas na cama, e tirando preguiçosamente o charuto da boca:**

– Ora viva a minha flor! – dizia.

E um ar de superioridade quando lhe falava! Um modo de encolher os ombros, de exclamar: – Tu não percebes nada disso! Chegava a ter palavras cruas, gestos brutais. E Luísa começou a desconfiar que Basílio não a estimava, apenas a desejava!

A princípio, chorou. Resolveu explicar-se com ele, romper se fosse necessário. Mas adiou, não se atrevia: a figura de Basílio, a sua voz, o seu olhar dominavam-na; e acendendo-lhe a paixão tiravam-lhe a coragem de a perturbar com queixas. Porque estava convencida então que o adorava; o que lhe dava tanta exaltação no *desejo*, **se não a grandeza do** *sentimento*?... **Gozava tanto, é porque o amava muito!... E a sua honestidade natural, os seus pudores refugiavam-se neste raciocínio sutil.**

CAPÍTULO XIV

(Jorge abre a carta de Basílio para Luísa e descobre o adultério)

Voltou ao escritório, mas aquela carta sobre a mesa irritava-o: quis ler um livro, atirou-o logo impaciente; e pôs-se a passear, torcendo muito nervoso o forro das algibeiras.

Agarrou então a carta, quis ver, através do papel delgado do envelope; os seus dedos, mesmo irresistivelmente, começaram a rasgar um ângulo do sobrescrito. Ah! Não era delicado aquilo!... Mas a curiosidade, que governava o seu cérebro, sugeriu-lhe toda a sorte de raciocínios, com uma tentação persuasiva: - Ela estava doente, e podia ter alguma coisa urgente: se fosse uma herança? Depois ela não tinha segredos, e então em França! Os seus escrúpulos eram pueris! Dir-lhe-ia que abrira por engano. E se a carta contivesse o segredo daquele *desgosto* **das teorias de Julião!... Devia abri-la então para a curar melhor!**

Sem querer achou-se com a carta desdobrada na mão. Num relance ávido devorou-a. Mas não compreendeu bem; as letras embrulhavam-se; chegou-se à janela, releu devagar:

"Minha querida Luísa.

"Seria longo explicar-te, como só anteontem em Nice – de onde cheguei esta madrugada a Paris – recebi a tua carta que pelos carimbos vejo que percorreu toda a Europa atrás de mim. Como já lá vão dois meses e meio que a escreveste, imagino que te arranjaste com a mulher, e que não precisas do dinheiro. De resto, se por acaso o queres, manda um telegrama e tem-lo aí em dois dias. Vejo pela tua carta que não acreditaste nunca que a minha partida fosse motivada por negócios. És bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes, *todas as ilusões sobre o amor*, **porque foi realmente quando saí de Lisboa que percebi quanto te amava, e não há dias, acredita, em que me não lembre do Paraíso. Que boas manhãs! Passaste lá alguma outra vez? Lembras-te do nosso lanche? Não tenho tempo para mais. Talvez em breve volte a Lisboa. Espero ver-te, porque sem ti Lisboa é para mim um desterro.**

"Um longo beijo do

"Teu do C.

"Basílio".

Jorge dobrou o papel, lentamente, em duas, em quatro dobras, atirou-o para cima da mesa, disse alto:

– Sim, senhor! Bonito!

Encheu o cachimbo de tabaco maquinalmente, com os olhos vagos, os beiços a tremer: deu alguns passos incertos pelo escritório: de repente arremessou o cachimbo que despedaçou um vidro da janela, bateu com as mãos desvairado, e atirando-se de bruços para cima da mesa, rompeu a chorar, rolando a cabeça entre os braços, mordendo as mangas, batendo com os pés, louco!

Ergueu-se subitamente, agarrou a carta, ia com ela à alcova de Luísa. Mas a lembrança das palavras de Julião imobilizou-o: que esteja sossegada, nada de frases, nenhuma excitação! Fechou a carta numa gaveta, meteu a chave na algibeira. E de pé, a tremer, com os olhos ralados de sangue, sentia idéias insensatas alumiarem-lhe bruscamente o cérebro, como relâmpagos numa tormenta - matá-la, sair de casa, abandoná-la, fazer saltar os miolos...

CAPÍTULO XV

(Depois de uma longa agonia, Luísa morre)

(Jorge) Deu alguns passos pelo quarto; os seus olhos pareciam preocupar-se com um embrulho que estava sobre a mesa; foi apalpá-lo; desapertou as pontas, e viu os cabelos de Luísa. Ficou a olhá-los, erguendo-os, passando-os de uma das mãos para outra, e disse com os beiços a tremer:

– Fazia tanto gosto neles, coitadinha!

Tornou a entrar na alcova. Mas Julião tomou-lhe o braço, queria-o afastar do leito. Ele debatia-se docemente; e como uma vela ardia sobre a mesinha ao pé da cabeceira, disse, mostrando-a:

–Talvez a incomode a luz...

Julião respondeu comovido:

– Já não a vê, Jorge!

Ele soltou-se da mão de Julião, foi debruçar-se sobre ela; tomou-lhe a cabeça entre as mãos com cuidado para a não magoar, esteve a olhá-la um momento; depois pousou-lhe sobre os lábios frios um beijo, outro, outro, murmurava:

– Adeus! Adeus!

Endireitou-se, abriu os braços, caiu no chão.

Todos correram. Levaram-no para a *chaise-longue*.

E enquanto Dona Felicidade num pranto aflito fechava os olhos de Luísa, o Conselheiro, com o chapéu sempre na mão, cruzava os braços, e oscilando a sua calva respeitável, dizia a Sebastião:

– Que profundo desgosto de família!

Bibliografia

Lins, Álvaro, *História Literária de Eça de Queirós*, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1939.
Dal Farra, Maria Lúcia, "Ensaio Introdutório e Notas" para o texto de *O Primo Basílio,* 11ª edição, 1990.

Exercícios

1.

a) – A casa condizia com o dono. Sebastião tinha um gênio antiquado. Era solitário e acanhado. Já no latim lhe chamavam o *peludo*; punham-lhe ratos, roubavam-lhe impudentemente as merendas. Sebastião, que tinha a força de um ginasta, oferecia a resignação de um mártir.

b) Foi ao guarda-vestidos; achou logo o bilhete na algibeira... Aquilo serenou-a. A carta tinha ido para o lixo, decerto. Mas que imprudência!

A partir dos dois trechos acima, procure definir da melhor maneira possível o narrador de *O Primo Basílio*.

2.

Era primo de Jorge. Pequenino, linfático, os seus membros franzinos, ainda quase tenros, davam-lhe um aspecto débil de colegial; o buço, delgado, empastado em cera-mostache, arrebitava-se aos cantos em pontas afiadas como agulhas; e na sua cara chupada, os olhos repolhudos amorteciam-se com um quebrado langoroso. (...) Ultimamente trazia em ensaios nas Variedades uma obra considerável, um drama em cinco atos, o *Honra* **e** *Paixão*. **Era a sua estréia séria. E desde então, viam-no sempre muito atarefado, os bolsos inchados de manuscritos, com localistas, com atores, muito pródigo de cafés e de conhaques, o chapéu ao lado, descorado e dizendo a todos: Esta vida mata-me!**

O trecho acima é a descrição de uma personagem do livro de Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, e revela uma técnica estilística que Eça usava com grande freqüência e habilidade. Responda: quem é o personagem, que técnica é essa e em que consiste?

3.

Juliana, com efeito, depois de abrir a porta, apenas viu subir, atrás de Sebastião, o polícia, fez-se muito amarela, exclamou:

– Credo! Que temos nós?

Estava embrulhada num xale preto, e o candeeiro de petróleo, que ela erguia, prolongava na parede a sombra disforme da cuia. (...)

– Não é nada... - disse Sebastião, abrindo a porta da sala. – Tudo em paz!

Ele mesmo acendeu com um fósforo uma vela de serpentina – que fez sair vagamente da sombra os dourados dos caixilhos das gravuras, a pálida face do retrato da mãe de Jorge, um reflexo de espelho.

A cena acima é a chegada de Sebastião à casa de Jorge, acompanhado de um policial, para forçar Juliana a devolver a carta. O que pode ser observado na composição da cena que é um traço característico do estilo de Eça de Queirós?

4.

a) – Mas isto bastava para que Sebastião o achasse um debochado, um perdido; ouvira que ele tinha ido para o Brasil para fugir aos credores; que enriquecera por acaso, numa especulação, no Paraguai; que mesmo na Bahia, com a corda na garganta, nunca fora um trabalhador; e supunha que a posse da fortuna, para ele, seria apenas um desenvolvimento dos vícios.

b) – Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifos, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde.

Quem são as personagens descritas pelos trechos acima? Quais os seus papéis na história de *O Primo Basílio*?

5. Por que podemos dizer que os trechos abaixo, que tratam de Joana, a cozinheira de Luísa, comprovam a influência do naturalismo em *O Primo Basílio*?

(Joana) Saltou para o chão com passadas rijas que faziam tremer o soalho, foi ao jarro. Pô-lo à boca, bebeu uma tarraçada. A camisa justa, feita de pouca fazenda, mostrava as formas rijas e valentes.

Joana era decerto espessa e obtusa; além disso a paixão animal pelo rapazola emparvecia-a.

6. O crítico literário Álvaro Lins, analisando a acusação de que Eça de Queirós, no seu *O Primo Basílio*, teria plagiado o romance *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert, faz, entre outras, a seguinte afirmação: "E entre Ema e Luísa levanta-se outra diferença intrínseca: Ema, um 'caráter'; Luísa, figura negativa - ausência de caráter. Ema é sensual e vive pelos sentidos; em Luísa a vida é um artifício dos seus nervos devastados. Dos seus nervos em miséria orgânica e mental". De fato, é possível concordar com o crítico Álvaros Lins, mas há outra diferença, essencial, referente ao processo de construção dos dois romances, que deve ser levada em conta. Qual é?

Respostas

1. O narrador de *O Primo Basílio* é um "narrador onisciente intruso", assim chamado porque tem absoluto poder sobre todos os acontecimentos e personagens da história, vendo tudo o que acontece de cima, podendo fazer o uso que quiser do tempo da narrativa e penetrar no mais íntimo das personangens para a partir daí apresentar os seus sentimentos. Podemos afirmar isso porque no primeiro trecho o que temos é um *flash-back*, um recuo no tempo da narrativa para falar da infância de Sebastião, e no segundo trecho o que temos é a narração do desespero interior de Luísa com o sumiço de uma carta que escrevera para Basílio. O narrador consegue passar muito bem do plano exterior, da ação ("Foi ao guarda-vestidos;"), para o plano interior, da reflexão de Luísa ("Mas que imprudência!"), através do uso do discurso indireto livre.

2. O personagem é Ernestinho, primo de Jorge, funcionário público por profissão e escritor por paixão à arte. A técnica revelada nesta descrição é a CARICATURA, que consiste na construção, em poucas linhas apenas, de uma figura acabada, física e psicologicamente, através do destaque e/ou exagero de algumas de suas características. Nesse caso, o físico franzino de Ernestinho, sua figura pálida e agitada por causa da estréia do seu medíocre drama, seu "amor à arte", fazem lembrar os escritores românticos, sempre a morrer de amores.

3. A capacidade descritiva de Eça de Queirós, que torna o ambiente sempre adequado à ação que se desenvolve ou ao estado de espírito das personagens, pode ser observada na cena acima: é uma cena de tensão, que terminará com a morte de Juliana, logo o autor compõe-a sempre à meia-luz, com tons sombrios.

4. O trecho a) descreve o primo de Luísa, Basílio de Brito, que irá seduzi-la e depois abandoná-la, quando Juliana revelar que possui as cartas que denunciam o adultério. O trecho b) descreve Juliana Tavira Couceiro, criada de Luísa que rouba-lhe algumas cartas que comprovam o seu adultério. Juliana irá exigir dinheiro de Luísa e, como não o consegue, irá atormentá-la dentro de casa, invertendo os papéis de ama-criada, fazendo com que Luísa faça todos os trabalhos da casa; até que Luísa pede ajuda a Sebastião para recuperar as cartas e este, ao ameaçar Juliana, precipita a sua morte.

5. Em ambos os trechos, Joana nos é apresentada como alguém que se assemelha a um animal, pelos seus modos grosseiros, seu corpo, sua sexualidade. Esta fixação por aspectos grotescos, por comparações entre homem-animal, principalmente quando se trata de personagens muito pobres, que podemos ver nos trechos acima, é algo característico do Naturalismo.

6. A diferença essencial entre *Madame Bovary* e *O Primo Basílio* é que o primeiro é um romance psicológico, enquanto o segundo (nas palavras do próprio crítico Álvaro Lins) é um "romance de costumes". O que interessa em *O Primo Basílio* é a maneira como o livro nos mostra a sociedade burguesa de Lisboa do ponto de vista de sua organização social e moral superficial; uma sociedade em que não há muito espaço para a verdade...